Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



A grande vedeta cinematográfica LILIAN HARVEY, que passou por Lisboa a caminho da América — e que prometeu volt

2.ª SÉRIE — N.º 32 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 16 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO:

FOX FILMES, L.DA *apresenta*

ESTA SEMANA DOIS PROGRAMAS TRIUNFAIS

NO TIVOLI



SONIA HENIE

a famosa vedeta norueguesa na admirável comédia

TUDO ACONTECE À NOITE

com **RAY MILLAND** e **Robert Cummings**

Tudo acontece à noite! Mistério, amor, perturbação, aventura!

NO ODEON E PALACIO

DOIS GRANDES FILMES

OS IRMÃOS RITZ

na turbulenta farsa de gargalhada

OS TRÊS VAGABUNDOS

ALICE FAYE E WARNER BAXTER

no heróico filme da guerra da China com o Japão

SITIADOS!

2.ª série / N.º 32 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

16 de Junho de 1941
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

HORIZONTES NOVOS

O CINEMA PORTUGUÊS

precisa de quem queira representar no Cinema!

A partir de amanhã, dia 17, ás 10 horas, está aberto o Serviço de Selecção de Intérpretes da Prod. António Lopes Ribeiro

Há duas maneiras de entender a palavra *cinéfilo*. Uma, a que sempre lhe atribuímos e que é a única verdadeira, pois não é outro o significado da sua etimologia: amigo do Cinema. Outra, a que nós combatemos desde o primeiro número, é a que lhe dão os maus revisteiros e os piores piadistas: furioso pelo Cinema, ente de qualquer sexo louquinho por entrar nas fitas, que usa (se é do sexo masculino) um bigodinho irritante ou então, se é do sexo feminino, uma bocarra pintada por cima dos beiços e depila as sobrancelhas até ao impossível.

Êsses, não são cinéfilos: são parvos. E se quisermos encobrir com um eufemismo as suas incómodas manias, chamemos-lhes cinémanos.

Maus precedentes

Os cinémanos são uma praga de gafanhotos indesejáveis que muito tem prejudicado o conceito que o Cinema deve merecer das pessoas sensatas e de gôsto seguro. Há que convencê-las do seu ridículo, pois é natural que, por trás das suas macacadas, sejam excelentes criaturas, capazes de se transformarem em cinéfilos decentes.

Êste introito tornava-se indispensável antes de dar a boa nova que anunciamos no título, pois não queremos, nem por um segundo, que se suponha que «Animatógrafo» empreende ou colabora em mais uma dessas deploráveis iniciativas de arrebanhamento de artistas para o Cinema, que tanto se desacreditaram pelos processos usados e pelos resultados obtidos.

Um recrutamento a sério

Desta vez trata-se dum recrutamento feito a sério sob a égide do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema e destinado aos filmes que António Lopes Ribeiro, director do «Animatógrafo», vai produzir, e de que serão estreados dois até ao fim do ano: «O Pai Tirano» e um outro a anunciar oportunamente.

Um dos problemas com que se debate o Cinema Português é o desconhecimento completo, em que estão os produtores, das pessoas com reais possibilidades para o Cinema. Essas pessoas, até aqui, tem sido preciso descobri-las primeiro e convencê-las depois.

Os que acreditam

Mas não há dúvida que há algumas centenas, senão milhares de portugueses de ambos os sexos, de diferentes idades e diversa condição, que desejariam tentar a cinematografia, como intérpretes.

Também não há dúvida que, na sua grande maioria, pretendem começar... pelo fim, isto é: por serem vedetas dos filmes em que aparecessem .

Ora o Cinema é uma escola de paciência. Há que começar pelo princípio — que é, afinal a maneira mais fácil e segura de começar. E decerto haverá alguns que assim o entendem, e que não desdenhariam principiar como figurantes a carreira cinematográfica que ambicionam. Mas a êsses não se lhes ofereceu nunca, até agora, uma oportunidade séria, autêntica, de ingressar nos estúdios, de tocar de perto os mistérios sedutores da arte das imagens e dos sons.

POIS ESSA OPORTUNIDADE É-LHES AGORA OFERECIDA POR «ANIMATÓGRAFO» E PELA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO».

A primeira oportunidade

A partir de amanhã, começa a funcionar o Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro.

Pretende êsse serviço reünir tôdas aquelas pessoas susceptíveis de serem aproveitadas nos filmes, como intérpretes, figurantes ou comparsas, segundo as necessidades da produção e as aptidões de cada um.

Todos são precisos!

Não se pretende reünir apenas raparigas e rapazes. Claro que êsses serão sempre benvindos, e terão o seu lugar nos ficheiros da Prod. A. L. R. Mas, além dêles, bonitos ou feios, magros ou gordos, altos ou baixos, inclusivé com defeitos físicos característicos (pois todos podem vir a ser necessários em variadíssimas figuras de diferentes filmes), pretende-se que apareçam a inscrever-se no S. S. I. pessoas de tôdas as idades e aspectos, velhos, velhas, homens, mulheres, crianças, desde que lhes interesse trabalhar REMUNERADAMENTE para o Cinema Português. Porque, na realidade, TODOS SÃO PRECISOS!

O que é preciso fazer

Na página central dêste mesmo número se diz o que é preciso fazer para ficar inscrito no serviço de selecção de intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro.

Ver-se-á como as normas estabelecidas são práticas e simples.

E para dar uma ideia das possibilidades e garantias que tal inscrição representa, basta dizer que neste seu primeiro filme, «O Pai Tirano», a Prod. A. L. R. necessita para algumas das suas cenas de mais de duzentos figurantes PAGOS, pois se lhes exige a presença diante das câmaras para filmagens de importância, em que será preciso fazer planos aproximados, grandes planos, etc.

Trata-se do público dum teatro. E por aí se vê a diversidade de tipos requeridos para tal conjunto.

E há que fazer uma prevenção muito importante..

É COMPLETAMENTE INÚTIL TENTAR QUALQUER INFLUÊNCIA PESSOAL JUNTO DO REALIZADOR OU DOS SEUS COLABORADORES, POIS OS PEQUENOS PAPÉIS E A FIGURAÇÃO DA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO SÓ SERÃO ESCOLHIDOS, DORAVANTE, POR INTERMÉDIO DO SEU «SERVIÇO DE SELECÇÃO DE INTÉRPRETES».

Tal serviço, aliás, reúne as mais competentes condições de seriedade e de método indispensáveis a uma organização que pretende produzir continuamente e que reúne tudo o que para tal se torna necessário.

Convidamos portanto os interessados a ler atentamente o que se escreve na página central, ao alto das duas últimas colunas.

A produção de filmes culturais nos estúdios da UFA

A Ufa prossegue na sua tarefa de produzir filmes culturais. Não será demais encarecer esta iniciativa, tão importante e de resultados tão benéficos junto das platéias mais cultas ou menos cultas. Mas será sem dúvida interessante contar ao leitor o que, em matéria de filmes culturais vem fazendo a Ufa.

Hoje, ocupamo-nos apenas duma série bastante curiosa e que se pode subordinar ao título genérico de «Novos triunfos da Ciência».

Estes novos triunfos da Ciência provam que a guerra é um grande propulsor da civilização. O que não quere dizer que se possa simpatizar com a guerra pelo facto dela activar e apressar a marcha do progresso. A guerra, neste caso, obriga a necessidades e dessas necessidades é que resultam conclusões úteis e de interêsse mundial.

O petróleo, como sabem, tem provocado questões internacionais. Com a borracha passa-se outro tanto. Grandes potências internacionais tiveram animosidades por causa da famosa «Levea brasiliensis». Perante a gravidade do problema, a Alemanha resolveu tentar a produção de «borracha artificial». Os sábios e os laboratórios começaram a trabalhar. Finalmente, a borracha sintética tornou-se uma realidade.

Ora, é justamente esta luta da ciência para a conquista duma realidade que a Ufa decidiu pôr em filme.

«Wissenschaft weist neue Wege» (A ciência indica novos caminhos) mostra as diferentes fases da produção de borracha sintética — «ersatz» a que se seguiram outros como a lã de celulose, o couro artificial, as novas ligas de alumínio, as massas plásticas e não sei quantos outros produtos que revolucionaram por completo os processos industriais, colocando os alemães em condições de fabricarem os artigos mais importantes da vida quotidiana sem terem, pràticamente que recorrer ao auxílio de outros países. O referido filme, de autoria do conhecido realizador de filmes culturais dr. Martin Rikli, mostra-nos, de uma maneira sugestiva, uma das mais curiosas e notáveis realizações da ciência.

Existe a madeira transparente?

Parece-nos inútil demonstrar que a ciência é capaz de fazer os maiores prodígios e de tornar possível o impossível.

A Ufa produziu agora um complemento cultural intitulado «Madeira transparente» e que merece referência pois traz até nós a solução dum problema que interessa há longo tempo a Ciência.

Mas, preguntará o leitor, justificar-se-á o título «madeira transparente»?

Preguntamos:

Não é o papel um derivado da madeira? E aquela espécie de pergaminho translúcido com que se fazem os «abat-jours» dos candieiros de coluna? Pode, por acaso, duvidar-se de que um tal «abat-jour» tenha sido fabricado da mesma madeira com que foi feita a coluna do candieiro?

Daí à fabricação do celofânio, essa película transparente com que se fazem saquinhos para amendoas ou envoltórios para proteger do pó as caixas de chocolates ou certos géneros alimentícios, vai apenas um passo.

Tomemos uma placa de papelão que sabemos ser fabricado de «pasta de madeira». Se submetermos o papelão a uma série de operações químicas, aliás tão fáceis como a revelação de uma chapa fotográfica, obteremos a «viscose», que não é outra coisa senão «madeira dissolvida». Lancemos depois uma porção de viscose sôbre uma placa de vidro, alisando-a bem, como quem alisa massa para pastéis. A viscose despegar-se-á então do vidro em forma de uma película opaca. Para lhe darmos a transparência basta mergulhá-la num banho especial. Por conseguinte, não exagera quem afirmar que é pràticamente possível transformar-se uma tábua de madeira numa película transparente! A transformação far-se-ia, mais ou menos, pela seguinte ordem: tábua — pasta de madeira — papelão — viscose — celofânio.

De resto, essa metamorfose não é tão sensacional como parece. Até os bichos a conhecem! Aquele escaravelho que se chama «bicho carpinteiro», por exemplo, faz, com a madeira que vai roendo, uma espécie de fio que é quási tão resistente como o arame. A ciência não fez mais do que prescrutar o segrêdo da fabricação química que se opera nos órgãos dêsse e de outros minúsculos animais, como se vê no interessante filme da Ufa que nos sugeriu estas linhas.

Fabricação do vidro

A fabricação do vidro é uma das mais antigas que conhecemos. A mulher moderna que se enfeita com colares ou pulseiras de contas de vidro, não faz outra coisa senão imitar as suas irmãs de um longínquo passado. Nesses velhos tempos, o vidro era especialmente utilizado na imitação de pedras preciosas. As informações mais completas sôbre os processos empregados pelos antigos egípcios são-nos fornecidas pela descoberta de uma manufactura de vidros em Tell-el-Amarna. Da Fenícia e do Egito, a arte da vidraria passou à Europa, onde se monopolizou em Veneza durante a Idade Média. Em Portugal, por exemplo, já havia fornos de vidraria no século XVI. No entanto, a indústria do vidro só conseguiu expandir-se largamente depois da descoberta do processo de estender chapas para fazer vidraças para janelas, etc.. A partir de então, esta indústria entrou num período de franca prosperidade, sobretudo na Alemanha, por existirem neste país, em abundância, os produtos necessários para a fabricação, tais como silica, cálcio, potassa, sulfato de sódio etc..

Depois de triturados e misturados os componentes forma-se com êles uma massa homogénea que vai a fundir em grandes fornos de barro refractário aquecidos a gás, e a qual se torna viscosa quando submetida a altas temperaturas de 1000 a 1500° centígrados. Esta massa de silicato deixa-se modelar com facilidade, mesmo durante o arrefecimento, de maneira que é possível preparar-se com elas objectos das formas mais difíceis e complicadas. Para a fabricação do vidro em chapas utiliza se uma grande máquina que tira a massa do forno em forma de fita contínua, a qual se corta depois aos comprimentos necessários. Um dos grandes triunfos da indústria de vidraria foi a descoberta, pelos alemães, do chamado «vidro de Iena», de uma resistência tal que se fazem, com êle, fôrmas, tachos e outros trens de cozinha. As suas extraordinárias qualidades tornam-o adequado, nas qualidades mais puras, para a fabricação de objectivos e de outros artigos de óptica para fotografia, cinematografia e astronomia.

As fábricas mais importantes da Europa estão situadas nas regiões alemãs da Turingia e dos Sudetas, sobretudo em Gablonz, Dux, Teplitz-Schönau e Karlsbad. Os interessantes processos de fabricação mecânica do vidro são divulgados por um filme cultural recentemente produzido pela Ufa com o título de *Wille zum Licht* onde temos ocasião de observar imagens cinematográficas de uma beleza incomparável.

Preguntas de algibeira

Estão aqui oito «tests». A cada um dêles vão apensas várias soluções: uma só, porém, está certa. Pelo tempo que ao leitor fôr necessário para a encontrar, pode julgar das suas qualidades de memória e da extensão dos seus conhecimentos.

1 — Sabe qual é o nome verdadeiro de Mickey Rooney? É:

— Samuel Kies?
— Michael G. Moore?
— Herbert Brandt Lynn?
— Joe Yule?
— Bobly Preisser?

2 — E com que nome é que o intérprete de «De Braço Dado» apareceu em filmes:

— Mickey Rooney?
— Mickey Huire ?
— Mike O'Neil?
— John Huire?

3 — Como se sabe, o actor de cinema Tony d'Algy, que trabalhou na Paramount, é português e está agora a filmar em Espanha. Onde teria nascido?

— No continente?
— Na ilha de S. Miguel?
— Em Luanda?
— No Pôrto?

4 — Quem é lady Jersey?

— Uma espia inglesa?
— A ex-mulher de Cary Grant?
— A presidente da comissão de socorro aos sinistrados de guerra?
— A cega de «Luzes da Cidade»?
— Uma personagem de «Pigmaleão»?

5 — Qual é o redactor do «Animatógrafo» que mais se constipa? Será:

— A. Carvalho Nunes?
— António Lopes Ribeiro?
— Augusto Fraga?
— «Bel Tenebroso»?
— Domingos Mascarenhas?
— Felix Ribeiro?
— Fernando Fragoso?
— Fernando Garcia?
— João Mendes?
— Mota da Costa?

6 — E porquê?

(Agora aqui, toca a pensar. E não tenham pressa de ir ver as soluções no fim do número).

7 — Diga quem é David O. Selznick.

— Argumentista?
— Realizador?
— Actor especializado em representar papéis de cínico?
— Produtor de filmes?
— Escritor mundialmente célebre?

8 — Há um aviador célebre que é também realizador de filmes e que deu há tempos a volta ao mundo. Quem é êle?

— Lindbergh?
— Ludwig Schneider?
— Howard Hughes?
— Capitão Boildier?

PANORÂMICA

Restrições

«Animatógrafo» não ignora que alguns dos seus leitores se queixam de que o nosso jornal não tem — como êles dizem — *bastantes fotografias*. Referem-se êles à forçosa escassez de *gravuras* a que as circunstâncias obrigam as revistas que, como a nossa, entenderam só dever custar, em plena crise gráfica e guerreira, a módica quantia de quinze tostões. Mas como êles dizem é que está certo; porque não é por pelintrice, por poupança de centímetros quadrados de zinco, que «Animatógrafo» não apresenta tôdas as semanas duas ou mais gravuras em cada uma das suas páginas. É, sim, porque não tem, não recebe, não consegue arranjar *bastantes fotografias* — fotografias que tenham interêsse e razão de ser, claro está. As próprias firmas americanas, que foram manancial inexgotável de «bonecame», secaram como fontes gastas. Algumas, gentilmente, põem os seus recursos à nossa disposição. Mas a guerra diminuiu sensìvelmente êsses recursos. E não se calcula a dificuldade de encontrar, por exemplo, retratos inéditos e capazes para publicar na nossa galeria.

Estamos numa autêntica época de restrições. Pela nossa porta já bateram tôdas as dificuldades possíveis de tinta, de papel, de fotografias. Mas não desistimos, nem desistiremos.

Parece-nos pois natural, contar com a indulgência dos nossos leitores, que são necessàriamente amigos do Cinema — e que, portanto, desejaríamos e achamos justo que sejam amigos a valer do «Animatógrafo».

Uma conferência

O nosso amigo e colaborador Alves de Azevedo realizou na última segunda-feira e na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma conferência subordinada ao título «A América através a sua literatura».

Crítico notável, Alves de Azevedo tem dedicado muito especialmente a sua atenção a duas coisas: os assuntos coloniais e a literatura de língua inglesa, tanto britânica como norte-americana. A sua conferência teve assim o valor duma lição e o interêsse duma iniciação, pois, infelizmente, os autores de que se ocupou não têm entre nós a voga que largamente merecem.

Cinéfilo do melhor quilate, Alves de Azevedo fez exibir, no final da sua conferência alguns filmes que ilustraram pelo poder incomparável das imagens vivas, as suas interessantíssimas afirmações.

O filho também roubou

Recebemos da Editora Argo mais um volumesinho da colecção «Ecran». Desta vez, o filme adaptado a romance é «O filho também roubou», a interessante produção da Fox com Edward Arnold e Tyrone Power que vimos recentemente no Tivoli. O livro, assinado por Leão Penedo e Gentil Marques, a quem se devem já outros também inspirados em filmes estrangeiros, como «Tom Edison, o pequeno génio» e «Tortura da Carne», segue fielmente o enrêdo do cinedrama e mantém o interêsse da obra cinematográfica.

«Animatógrafo» agradece os exemplares que a Editora Argo lhe enviou.

Falsos alarmes

Há dois números, tivemos que retirar à última hora uma «oração fúnebre» dedicada ao pugilista, actor cinematográfico e paraquedista Max Schemelling, marido de Anny Ondra — que as agências telegráficas tentaram matar em Creta, durante a última grande batalha e que, afinal, goza de excelente saúde. No último número, já nada escrevemos sôbre a desaparição no mar das Bahamas de Madeleine Carroll e do seu noivo Striling Hayden, por desconfiarmos daquela «sensação excessiva». Vemos agora que tínhamos razão, e que os dois artistas haviam procurado apenas alguns dias de sossêgo de lua de mel, sob o signo excitante da aventura.

Dura época, a nossa, em que já dois namorados não podem cumprir o seu dever de namorados sem que se saiba e se aprególe a coisa aos quatro ventos do mundo, e não se pode morrer só quando Deus Nosso Senhor manda!

António Ferro

Tomou posse de Director da Emissora Nacional o nosso querido amigo António Ferro, que tem realizado, à frente do S. P. N., uma obra nacional notabilíssima, e para quem o Cinema figura entre as acti-

(Continua na pág. 18)

Artigos de primeira necessidade

Há tôda uma série de artigos a escrever e a publicar àcêrca dos problemas que se propõem ao Cinema Português neste momento culminante da sua história. Consideramos tais artigos — de primeira necessidade. E isso porque não há nada como escrever claramente o que se pensa àcêrca dum problema para que êle, por intermédio de quem escreve ou por intermédio de outrem, encontre a desejada solução.

Nem sempre os que vêem com clareza os problemas são os mais aptos para os resolver. Mas a inversa não é, em nenhum caso, verdadeira, pois não há quem possa resolver problemas sem os conhecer nos seus mínimos aspectos. Convém portanto apresentá-los sem subterfúgios nem obscuridades, para que não seja por falta de conhecimento dos factos fundamentais que as coisas continuem na mesma. E uma verdade essencial convém que se apresente no limiar desta campanha de verdades: AS COISAS NÃO PODEM CONTINUAR NA MESMA!

Ocorre preguntar: De quem depende que elas se modifiquem?

De todos; mas, principalmente, de alguns.

Quem são?...

Não é difícil adivinhá-lo e é muito mais fácil ainda escrevê-lo: são os que dirigem, seja em que escalão hierárquico fôr, a produção, a distribuïção e a exibição de filmes em Portugal. Das intenções, da competência, da orientação, perserverança, da fé e do patriotismo dos directores de produção, dos gerentes, dos administradores, dos realizadores, dos empresários, é que depende o futuro do Cinema Português. E, acima dêles, dos directores dos Grémios e do Sindicato. E, ainda acima, dos organismos oficiais de coordenação económica e corporativa, do próprio Govêrno, do próprio Chefe.

Escala progressiva de responsabilidades no manejo dum instrumento singular, arma poderosa de educação, de formação nacional, cujo papel se aprecia antes de se saber qual seja, cujos resultados se verificam antes de se conhecer a fundo a sua mecânica interior.

Mas, à medida que se vai descendo na escala que apresentamos, vai aumentando a responsabilidade dos dirigentes no que se refere aos aspectos imediatos da cinematografia, aos filmes pròpriamente ditos. E é dêles, sem dúvida alguma, que depende portanto a reforma necessária nos métodos e nos resultados do Cinema Nacional.

Assim, ao contrário do que possa imaginar-se, haveria que começar por fazer a educação do exibidor antes de se pensar em educar realizadores; haveria que educar realizadores antes de se educarem directores de produção.

Numa conversa recente entre alguns dos mais inteligentes e poderosos dirigentes da Cinematografia em Portugal, o problema foi pôsto com inflexível crueza. E todos estavam de acôrdo em atribuir às mesmas pessoas as mesmas responsabilidades.

Diga-se desde já que essas responsabilidades não são necessàriamente culpas. Mas a verdade é que a inocência de intenções do autor dum delito, se basta para o absolver à face da justiça, não basta para diminuir as conseqüências do seu acto.

Quer a maioria tenha consciência disso ou não, o Cinema Português vive o momento mais importante da sua curta e acidentada existência. Numa hora incerta, numa Europa convulsa, num Mundo nervoso e ennervado, o nosso país, sob a direcção impecável de Salazar, prepara-se para marcar a sua posição definitiva na paz, breve ou longínqua, que há-de suceder fatalmente à guerra a que assistimos.

E é preciso que o nosso Cinema seja um dos magníficos resultados dessa política sem par. A nossa posição de rigorosa neutralidade, a nossa disciplina no presente, a nossa confiança no futuro, tornam-nos merecedores — como Salazar proclamou em 28 de Abril — do respeito dos futuros vencedores desta guerra de vencidos.

Mas, para que o nosso Cinema seja um facto, é indispensável que saiba merecer a situação sem igual que se lhe oferece. E para que o nosso Cinema a mereça — é bom começar por a merecermos nós.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

À Margem das Fitas

por Faria da Fonseca



A guerra tem prejudicado o cinema, com a mobilização de muitos artistas e técnicos, cujos nomes não vale a pena lembrar aqui.

Agora, Hollywood anuncia um caso extraordinário, um caso «record»! O da fita «A Yank in the RAF», em que apenas trabalham actores com idades oscilando entre os 18 e os 23 anos. O «cast» compreendia 26 actores, dos quais 8 foram chamados às fileiras, a meio das filmagens. É um filme a refazer por completo.



Uma nova lei americana determina que, daqui para o futuro, a indústria cinematográfica do país contribue, anualmente, com 67 milhões de «dollars» para a defesa nacional.

Essa verba, convertida em moeda portuguesa, equivale à linda soma de 1.675.000 contos. Além dessa quantia, a indústria fílmica americana contribue com 160.000.000 de «dollars» (4 milhões de contos para o orçamento dos Estados Unidos.



Não é só no Brasil que diferenças de pronúncia e vocabulário tornam quási incompreensíveis os diálogos das fitas escritos e pronunciados na língua-mãe. Também nos Estados Unidos da América do Norte, o público protesta contra as fitas idas de Inglaterra porque não entra com o inglês que se fala na Europa. «Major Barbara», que Pascal produziu em Inglaterra, sôbre um original de Bernard Shaw, teve de ser «dobrado» em americano para ser compreendido pelos «Yankees».



Uma leitora de «Bel Tenebroso» agride-me de grande por não ter gostado do meu comentário à «5.ª causa de Merle Oberon». Agride-me de grande — é uma maneira de dizer. Pelo contrário, é até bastante gentil na forma de me responder. A parte agressiva está apenas na intenção da sua resposta. Talvez a ilustre cultora do género epistolar em uso na «caixa do correio» tenha razão. Foi, pela certa, uma «intlectual» de má qualidade que me mordeu. E mordeu fundo! Tão fundo que, ainda hoje, não posso com essa espécie do belo sexo.

Mas não julgue a inteligente colaboradora de «Bel Tenebroso» que desejo ver a mulher apenas preocupada com «pôr cuspinho nas meias para evitar as malhas fugidas». Nem tanto ao mar!... Acho até êsse gesto inestético e impróprio dela, cujos movimentos têm fama de mais harmoniosos e ritmados.

Precisa-se um guia...

por A. de Carvalho Nunes

Há duas obras cuja publicação se impõe: a novíssima edição do «Manual de Civilidade» e o «Guia do Espectador de Cinema».

Passando em claro as vantagens que adiviriam de se reimprimir o «Manual», tão evidente se afigura a necessidade de dar mais compostura às pessoas cujos têrmos têm por única baliza as posturas policiais, vamos apresentar as razões que nos levam a encarecer os méritos do «Guia».

O Cinema não passa só na tela: está um pouco em tôda a parte...

Assim, o «placard» do jornal é um verdadeiro filme de actualidades, e a rua vista pela vidraça do café, documentário humano cheio de motivos de meditação.

O desfile de modelos duma loja de modas; uma vista de olhos, *a piarr*, sôbre a cidade, do alto do elevador de Santa Justa; o automóvel *largado* na pista de Almirante Reis — outros tantos «a p o n t a m e n t o s» cinematográficos.

Quantas vezes temos nós visto o parque de diversões a servir de cenário a um filme? Sítio previlegiado aonde a ingénua vem espairecer suas máguas e o galã esquecer o seu embaraço...

Pois «Animatógrafo» quiz ver um autêntico parque de diversões, mais real ainda que menos divertido do que os do cinema.

Lá estavam: o homem-macaco, a mulher eléctrica, a barraca do pim-pam-pum, o combóio mistério, a montanha russa e a roda. E uma barraca que tinha, como único reclame, um grande ponto de interrogação pintado na fachada.

E então foi-nos dado observar que o público ainda se deixava seduzir pelo combóio mistério, mas já não mostrava qualquer empenho em decifrar aquela enigmática interrogação.

Esta atitude fez-nos pensar que, para grande número de pessoas, os cinemas são tal qual a barraca que tinha pintado na fachada um grande ponto de interrogação...

E daí nasceu a ideia do «Guia do Espectador de Cinema».

Uma noite destas, nos corredores do «Eden», «Animatógrafo» surpreendeu um espectador a explicar a outro a sua presença: «Vim cá parar...».

Ficámos sabendo que não era a Greer Garson nem o Laurence Olivier, nem tão pouco a realização de Robert Z. Leonard no «Orgulho e Preconceito», que o levara ao cinema.

Tinha muito simplesmente «ido lá parar...»

E o «Guia» parece-nos, definitivamente, uma necessidade imperiosa.

*

Transpostos os umbrais da entrada tudo é fácil: o porteiro dá-lhes a direcção, a arrumadeira ilumina-lhes o caminho, guia-lhe os passos: o espectador só tem que se sentar.

Mas se êle não é cinéfilo, cem por cento cinéfilo, a que perigos não estará sujeito desde que sai de casa até que a fatalidade o empurra, para êste ou para aquele cinema!...

Não são os anúncios que lhe podem valer, porque apenas os *iniciados* os lêem capazmente, extraindo os elementos úteis de apreciação que se resumem nos nomes do realizador e dos protagonistas e do próprio filme.

E é muito pouco elucidativo que êste tenha tido ou deixado de ter êxito, pois que a opinião de muitos não faz a opinião de um só.

Por outro lado, os «slogans» as frases sonoras e aliciantes começam a envelhecer, a tomar o aspecto das coisas de antes da guerra.

O recurso às opiniões colhidas por outrem não leva a conclusões seguras ou mesmo a uma conclusão: cada cabeça cada sentença, e ao lado da pessoa que se confessa maravilhada há sempre um desmancha-prazeres capaz de arrefecer o Vesúvio.

*

O certo é que se tôda a gente que freqüenta os cinemas escolhesse o que vai ver ou, mais simplesmente, indagasse da qualidade do espectáculo, uma vez que o cinema apresenta uma variedade infinita de géneros, então seria muito maior o número de cinéfilos e muito mais pequeno o número de desilusões.

Como se compreende que uma pessoa entre num teatro sem saber se lhe oferecem o *Rigoleto* ou o *Baile das Sopeiras?* Não é nas drogarias que se vendem espartilhos.

Enquanto o tal «Guia» não sair dos prelos, e fizer parte das coisas possíveis mas não prováveis, não era mau que o espectador saísse da sua posição incómoda e tomasse a solução que se nos afigura melhor.

A qual seria *documentar-se* devidamente com os elementos de informação que só uma revsita da especialidade pode dar.

E já saberia precaver-se contra os riscos de ir ver um filme realizado por X ou interpretado por Y, e «vice-versa»..., alcançando uma apreciável economia de tempo e de dinheiro.

Se não fôsse por modéstia, aconselhavamos para o efeito, o «Animatógrafo».

«Bucha» e «Estica»

vão trabalhar para a Fox

Os últimos filmes que marcaram o ponto final da associação de Stan Laurel e Oliver Hardy ao produtor Hal Roach, que quási tivera nos dois cómicos popularíssimos a razão de ser da sua emprêsa, estavam longe, muito longe mesmo, da grande maioria que formava a galeria vasta das suas interpretações, com que êles pròdigamente e durante largos anos alegraram os écrans, numa época tão pobre de actores cómicos.

Tampouco a sua passagem pela United Artists, onde fizeram «Os Campeões de Oxford», ou pela RKO-Radio, em que o filme «Homens sem Asas» marca a sua colaboração com esta emprêsa, foram mais felizes.

A insuficiência desoladora dos seus argumentos, as deficiências técnicas que duma maneira geral caracterizava êsses seus filmes, facto que sempre nos surpreendeu, dado que trabalhavam em companhias de inegável categoria, certamente contribuiram para êsse estado de coisas, de que Bucha e Estica foram os primeiros a sofrer as conseqüências.

Agora, passados longos meses fora da actividade dos estúdios, uma agradável notícia nos chega de Hollywood, dizendo respeito ao famoso dueto cómico: Laurel e Hardy assinaram com a Fox um contrato de longa duração segundo o qual farão nove filmes, à razão de dois por ano. A primeira dessas comédias intitula-se «Forward March!», devendo a sua realização iniciar-se tão depressa esteja preparado o argumento. Monty Banks, que foi também um cómico de categoria, dirigirá «Ordinário, marche!».

CINEMA PORTUGUÊS

A arte de ver um filme (II

(Cont. do número anterior)

Cinema e Teatro • Suas diferenças • A história • O argumento • Originais e adaptações • Géneros

Pois, justamente, o Cinema lembra-nos, na circunstância, a pirâmide de Keops. Diremos, parafraseando a Bíblia: «quem tiver olhos para o ver que o veja, quem tiver ouvidos para o ouvir que o oiça».

Mas nem tôda a gente tem olhos para o ver e ouvidos para o ouvir.

2

Na generalidade, o espectador negligente confunde os âmbitos do Cinema e do Teatro. Tal não deve fazer, porém, visto serem fundamentais as diferenças das duas artes. Assim, enquanto o Teatro é síntese, o Cinema é análise; enquanto um é essencialmente arte, o outro é, a um tempo, arte e indústria; enquanto o primeiro se impõe como trabalho individual, o segundo impõe-se como trabalho colectivo; enquanto o Teatro pode realizar-se sem recorrer a outras artes, o Cinema necessita de tôdas elas e ainda duma infinidade de indústrias. Mais: o Teatro é arte viva, material; o Cinema, arte de luzes e de sombras, arte imaterial, mecânica, servida pela física e pela química (1).

(1) *Estava escrito êste ensaio quando a revista cinematográfica «Primer Plano», de Madrid, publicou um interessante artigo do crítico teatral Antonio Obregon («Cine y Teatro») em que se apresentam trinta diferenças capitais entre as duas artes irmãs.*

A propósito, recolhemos aqui, em síntese as opiniões emitidas por Louis Jouvet, no Círculo Eça de Queiroz, acêrca do Cinema:

— Não é um ofício — declarou o famoso intérprete de Molière. — A arte do Cinema apenas tem real interêsse para o encenador. Só êste conta como verdadeiro artista. O actor apenas executa o que êle quere e como êle quere. Com o actor teatral, o caso muda de figura porque executa com a maior liberdade de acção — e cria!

Quantos bons e famosos actores cinematográficos poderão ser medíocres ou maus num tablado!

«A arte, a grande arte, é o Teatro».

Isto disse um homem que tem servido com carinho e elevação a arte que Eduardo Brazão considerava «tão complexa para o espectador, tão simples para o artista»...

Dizer que Teatro e Cinema são artes gémeas, conquanto o sejam irmãs, é desconhecer-lhes as características. Mesmo para o actor, há esta diferença basilar e total: no palco, representa com continuidade; no estúdio, actua a longos intervalos; no palco, movimenta-se com maior ou menor liberdade, sem que êste facto perturbe o espectáculo; no estúdio, a sua representação subordina-se ao enquadramento, às objectivas, às deslocações da câmara de filmar, às zonas de luz marcadas pelos projectores, aos microfones que impõem leis e obrigações, aos traços de giz que o operador e o encenador marcaram a êsmo no sobrado.

Convém, de facto, que o espectador conheça as diferenças essenciais das duas artes porque peças há que são puro cinema (recordamos «Donogoo-Tonka», de Jules Romains) e filmes que não passam de meras peças de teatro (como os de Marcel Pagnol, o criador da «cinematografia»). Se pode fazer a destrinça das duas artes, maior rendimento tirará o espectador da projecção dum filme. Um entranhado e excessivo amor a qualquer delas não o deve cegar, não lhe deve roubar o discernimento necessário para lhe julgar características e valores, e saber onde uma acaba e a outra principia.

O primeiro elemento a estudar e a analizar num filme é a história, a anedota que serve de cabouco à obra cinematográfica. Geralmente, o público interessa se muito por êste elemento de valor primário, mas superficialmente: apenas para sofrer ou para divertir-se com os protagonistas. Ora, já lá vai a época em que as obras representadas não passavam de simples passatempos; hoje, porém, as artes têm um papel social a desempenhar e é necessário entendê-las e profundá-las.

É a história original ou adaptada? Quem a assina? Um autor de nomeada? Trata-se de adaptação? O filme é a versão duma comédia, dum romance, duma novela, ou até dum poema?

Se a história é inédita, o perigo dos confrontos desaparece. Se adaptada, cumpre analisar e compreender essa adaptação, em que trabalharam elementos especializados e de elevada cultura. Não julguemos de ânimo leve, senão após longo e sereno exame, pois maior fraqueza é julgar aéreamente do que aceitar sem julgamento.

Vejamos o caso do «Monte dos Vendavais». Que esfôrço sobre-humano extrair dêle um filme! Ora, deve o espectador comparar o livro e a película, não com o serôdio espírito de apanhar em falta os adaptadores e o encenador, mas para se deliciar com a obra de arte extraída doutra obra de arte. Hollywood chegara a considerar impraticável a adaptação da obra.

Há anos, a Warner Bros pensou em filmar «O livro de San Michèle». Chegou a vir alguma publicidade. Mas os argumentistas mais experimentados de Hollywood desistiram: como seria possível condensar tanta beleza e tanta diversidade num filme inevitàvelmente curto para tão grande cometimento?

Estes são os problemas que devem preocupar o espectador e não outros como o de criticar a supressão dêste ou daquele pormenor, ou a fusão de efeitos dramáticos que no romance se descrevem de certo modo e no filme por maneira algo diferente. Porque também é necessário compreender a origem das supressões ou das fusões de cenas e episódios. Mesmo quando estes foram sacrificados, podem estar latentes no filme, como o espírito de Rebecca na obra cinematográfica de Hitchcock ou no romance de Du Maurier.

Importa mais que o espírito de cada cena da obra original domine o filme do que a própria cena apareça numa fidelíssima reprodução puramente fotográfica.

De qualquer maneira, obra original, ou obra adaptada, dela se extraíu um argumento e êste, depois de tratado devidamente, servia de esqueleto ao filme. Notemos que o argumento pode ser superior ou inferior à obra a transpor para a tela. O argumento é, pois, um arranjo, uma síntese da história que a câmara de filmar irá dissecar cena por cena, plano por plano, imagem por imagem.

Em primeiro lugar, cumpre conhecer o género literário a que pertence o argumento, saber se é drama, comédia, farsa, ou opereta, para melhor apreciar a sua adaptação e o trabalho do realizador.

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

«FLORES AGRESTES» É A ÚLTIMA CRIAÇÃO «TAIPAS». A «ÁGUA DE COLÓNIA», O PÓ D'ARROZ E O SABONETE «FLORES AGRESTES» EVOCAM TÔDA A PERFUMADA FRESCURA DOS NOSSOS MONTES.

VER OUVIR... E FALAR

A partir de hoje, aqueles que tinham a pachorra de lerem esta secção ficam avisados de que ela não voltará a aparecer tão cedo nesta página. Aqui, nestas três meias colunas defendemos desde sempre a criação, que a muitos parecia um mito, do cinema português, metodizado e organizado, obedecendo a um espírito de equipe sem o qual não pode haver obras com alma, como dizia ainda há pouco António Ferro. Pode parecer a muitos que todo o tempo que levámos aqui foi tempo perdido, foi tempo levado a moer coisas banais que no momento se afiguravam extraordinàriamente novas. Todavia, ninguém pode duvidar da nossa boa fé e do nosso entusiasmo.

Procuramos estudar alguns dos aspectos do cinema português que nos pareciam de mais fácil resolução. É sabido que o cinema é sempre colaboração. Mas o que é importante num filme é saber conjugar os esforços, é ter um plano, é reünir os colaboradores em volta de uma ideia, é saber ser um chefe. Ansiamos, portanto, que apareça essa entidade capaz de dar ao cinema aquele incremento indispensável a tôdas as grandes iniciativas. E, enquanto não aparecer contentemo-nos com as promessas dos futuros filmes que anunciam e que vão realizar-se.

O público tem sabido cumprir o seu dever até hoje. A nós, que temos procurado discutir o nosso cinema sem ódios nem despeitos, cabe-nos também a satisfação do dever cumprido. Pessoalmente, demos todo o nosso esfôrço traduzido nestas «notas portuguesas», embora modestas, para que êsse sonho de todos os cinéfilos portugueses seja realidade. Mais de um par de filmes de grande metragem vai entrar ou já está em fabricação. O facto não pode deixar de ter influência decisiva na marcha da nossa indústria cinematográfica. Aguardemos os resultados.

Eis porque vamos fazer uma pausa, dar uma trégua aos problemas do cinema português. É melhor não vermos, não ouvirmos nem falarmos nestes tempos mais próximos. Guardemos isso para depois. E podem crer que levamos a consciência tranqüila.

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

Carta aos Cinéfilos

Cinéfilos! Qual de vós ficou insensível à sublimidade majestosa e esmagadora do Tufão aumentando as vagas, arrancando as árvores, feito enfim de mil perigos e constituindo apesar disso a salvação de Dea e de Johnny dum perigo maior: o fogo devastador que assolava aquela ilha tropical que vós vistes no filme «Tufão»?

Qual de vós assistiu sereno e sem alvorôço à cena em que o rôsto de Quasimodo nos apareceu pela primeira vez em «Nossa Senhora de Paris»?

Qual de vós também, assistindo à exibição de «Carga da Brigada Ligeira», no momento culminante da carga, se não emocionou com a extrema perfeição e realidade com que o cinema nos conta essa soberba carga de cavalaria, que o exército inglês da Crimea realizou pela posse de Sebastopol?

Quantos exemplos poderia apontar? Quantas maravilhas o cinema nos não deu já?

E quem foram os obreiros dessas maravilhas? Quem nos fez vibrar com temor na cena culminante do «Tufão»?

Um em quem a maioria dos cinéfilos não atenta! Não atenta porque acha que é escusada, maçadora e longa a inumeração do pessoal técnico que colaborou no filme. Assim fecha os olhos à passagem da palavra «operador». Não o vê. Não o conhece. E apesar disso a sua garra lá está presente no mais pequeno pormenor fotográfico do filme.

Porque nos alvoroçámos com o rôsto de Charles Laughton na figura de Quasimodo se nos não admirámos na sua interpretação em «Pousada de Jamaica»? Admirámo-nos na primeira, porque atraz dessa figura terrìvelmente decomposta, estava o tacto sublime de outro técnico.

Outro, que vós não notais também na lista de abertura do filme e que se chama «caracterizador».

E a quem se devem naquela esplêndida carga da «Brigada Ligeira» os pormenores de quedas de cavalos, explosões de granadas, alternando com visões de conjunto soberbo como o momento emocionante da voz de «à carga» em que, de lanças em riste e cavalos a galope os 600 lanceiros ingleses se lançam para a frente em busca da vitória?

Essas maravilhas foram-nos dadas principalmente por outro técnico.

Foi o «planificador». Deram-lhe a obra que se queria adoptar e êle dividiu-a, decompô-la em planos: «plano máximo» disto; «grande plano» daquilo; «pormenor» daqueloutro; «plano em contre plongé» de... etc.... Assim antecipadamente o planificador vai vendo, admirando e escolhendo a melhor maneira do filme decorrer. É um dos técnicos que mais contribuem para o êxito dos filmes e apesar disso, tu cinéfilo, desconhece-lo não lhe ligas importância. E contudo tu dizes-te cinéfilo acérrimo, mas se te falam em cinema, pensas para ti,

— Se eu fôsse actor!

O actor para ti é tudo.

Eu sei, dizes isso porque o actor aparece no filme, mostra-se; passando na rua todos o apontam a dedo exclamando:

— Fulano de tal!

E tu além de boa pessoa e de cinéfilo és (desculpa) vaidoso!

E como para a maior parte dos cinéfilos (os vaidosos como tu) o actor é tudo e o pessoal técnico nada, o nosso cinema está como está...

Zangas-te com certeza por te chamar vaidoso, mas lembra-te que todos os que virem cinema com «olhos de ver» serão da minha opinião.

Logo se não queres que te chamem o que na verdade és, muda de pensamentos. Quando pensares no cinema diz também:

— Se eu fôsse operador... planificador... ou...?

Enfim um dos muitos cargos técnicos que se podem desempenhar na elaboração dum filme.

Depois disto afirmo-te mais, se todos os cinéfilos pensarem assim o nosso cinema talvez mais adiante dê

«Novos mundos ao mundo».

CAVALEIRO DO IDEAL

A música no Cinema

Nem sempre entre o Cinema e a Música houve a extraordinária colaboração e ligação que existe nos tempos que estão correndo.

Dantes o Cinema era mudo, faziam-se fitas com música, com alguma música, entenda-se, não com fundo musical. Essa música era gravada em discos ou tocada por uma orquestra no próprio momento da fita passar, e, como é natural, nunca se obtinham resultados brilhantes.

Aparecido o Cinema Sonoro, tudo mudou.

A música passou a estar ligada, e para sempre, ao Cinema, começando nessa altura a produção de filmes-revistas que incluíam muitíssimos números de música, cantados ou dançados. Alguns dêstes filmes eram autênticas «feéries» coloridas, que evidentemente tinham bastantes defeitos, um dos quais o colorido.

Recorda-nos, dessa época, o filme «Hollywood Revue», entre muitos, e acima de todos «The king of Jazz» o célebre filme onde a Orquestra de Paul Whiteman «lançou» a «Rhapsodie in blue» do saüdoso George Gershwin, e que fez com que as montras do Chiado durante uma semana só usassem a côr azul.

Tempos passaram, e a música foi vendo aumentar cada vez mais o seu «papel» nas fitas. Os sucessos da música de filmes sucediam-se. É certo que muitas vezes a música não fôra escrita para o filme mas sim para uma opereta donde se extraíra a música e o argumento da película, mas não é menos certo que muitos países, a maioria quási sempre, só vinha a conhecê-la por intermédio do celulóide.

Desde o «If I had a talking picture» do «Sonho côr de rosa» até ao «Down Argentina way» da «Sinfonia dos Trópicos» quantas dezenas de canções não ficaram no ouvido do público. Houve alguns filmes mesmo que viram perdurar o seu nome mais tempo por motivo de neles estarem incluídos números musicais famosos.

Dezenas de compositores têm o seu nome e os seus maiores sucessos ligados a fitas. Salientemos, ao acaso, os nomes de Irving Berlin, Harrey Warren, Cole Porter, Jerome Keru, Mark Gordon e Harry Revel.

Basta passar em revista a época que decorre para nos lembrar-nos de lindíssimas melodias como a canção «Two dreams met» da «Sinfonia dos Trópicos», como o slow-fox-trot «A man and his dream» do «The star maker», e como aquela maravilhosa abertura do «Pinocchio» «When you wish upon a star», isto para não falarmos de outras canções como as do «Feiticeiro de Oz», de «Babes in arms» de «Balalaika», das «Viagens de Gulliver», de «Coração dum trovador».

É bom notar que não são só as canções ligeiras ou o «jazz» que entram em películas. A música de concêrto, em especial a de Schubert e Chopin, tem sido tocada em numerosos filmes. Deanna Durbin, Grace Moore, Jan Kiepura e muitos outros têm cantado, em fitas, as árias mais célebres de óperas como a «Bohéme», «Trovador» «Madame Butterfly», etc.

Mas, não é só em trechos isolados que a Música aparece nas fitas. É nos chamados «fundos musicais», imprescindíveis num filme. Muitas vezes o público não repara nos acompanhamentos musicais da acção da película. Mas como é grande, como é preponderante, o papel do fundo musical numa fita. Sem que às vezes nos apercebamos disso, (quanto melhor é o fundo musical menos nos «obriga» a ouvi-lo), é o acompanhamento musical que ajuda a moldar o carácter das personagens, a definir posições quantas vezes, a encher de poesia, de colorido, de vida, algumas cenas, que sem isso perderiam alguma coisa do seu valor.

Há filmes que ficam para sempre, ou melhor dizendo, durante muitos anos, gravados no espírito dos cinéfilos. Os motivos porque isso acontece, é difícil dizê-lo. Em geral, o conjunto da película provocou uma reacção que perdurará durante muito tempo. É exactamente o fundo musical, dramatizando aqui, romantizando acolá, que nos ajuda a ter, quási sempre, uma impressão agradável, no conjunto, duma fita.

Há em Hollywood um homem cujo nome merece ser conhecido por todos os cinéfilos: Alfred Newman. A êle se devem as passagens mais belas da música que tem comentado as fitas. Em poucas palavras se poderia dizer alguma coisa da sua obra. Mas nós, pondo de parte adjectivos e frases elogiosas apenas enumeramos dois filmes, de género completamente opostos, que A. N. dirigiu mùsicalmente falando: «Whuthering heights» (O Monte dos vendavais) e «Tin pan alley» (A vida é uma canção). Bastam estes para se poder apreciar o valor do grande maestro e compositor, mas em muitíssimos êle colaborou.

Em Portugal, os nossos primeiros filmes sonoros continham algumas coisas curiosas, sob o ponto de vista musical. Depois, ou se estagnou, ou se pretendeu imitar o que se faz lá fora. Ùltimamente as coisas mudaram um pouco, mas parece-nos que se segue um caminho errado. Talvez estejamos enganados, e bom será que assim seja.

M. R. R.

CORREIO DOS NOVOS

MAGRIÇO — Tomei em consideração a tua carta. Sempre às ordens.

MARIAZINHA DA BEIRA — É interessante a sugestão que dás no teu artiguinho. Talvez ela não possa transformar-se em realidade, por circunstâncias várias, mas isso não é razão para não ser publicada nestas colunas. Até breve.

MARIA GIL — Continuo a ler-te com muito prazer e interêsse. Só lamento não poder dar vasão a tanta prosa. Mas decerto compreendes que há mais quem espere e que o espaço não abunda.

PAR INVISIVEL — Cá recebi. É muito pequenino e pouco acrescenta ao que já se tem dito. Ora, o «par» tem «desarrincanços» para dois e vale por quatro; pode dar coisa mais original.

AQUILINO MENDES

fala-nos do Brasil, do seu Cinema e dos portugueses que trabalham nos estúdios de além-Atlântico



Aquilino Mendes, o operador da «Canção da Terra» que regressou há pouco do Brasil

Logo que regressou, ainda com malas na alfândega, Aquilino Mendes entrou em actividade, readaptou-se, procurou examinar o panorama cinematográfico nacional e dispôr-se para a luta! Na sua primeira noite de Lisboa, encontrámo-lo a tratar de negócios. A vida no Velho Continente recomeçava. Saüdades da pátria chamavam-no, sem dúvida, porque, aqui para nós, Aquilino prefere, acima de tudo, o seu torrão natal. Êle podia ter continuado no Brasil (traz no bôlso um contrato por três anos, garantia que muitos invejariam) mas preferiu voltar. Tinha assuntos pendentes e tinha, inevitàvelmente, de voltar a Portugal.

Passados os primeiros dias, gastos em deambulações, em negócios — em recomêço de vida, digamos — procurámos o operador de «João Ratão» e quisemos registar as suas impressões acêrca do Brasil, do seu Cinema e que fazem por lá os portugueses adeptos da sétima arte.

— O Brasil — disse-nos — conta alguns estúdios que se mantêm em actividade, conquanto irregular. O da Cinédia, muito grande, está bem instalado. Possui uma esplêndida máquina de revelar Débrie, moderníssima; uma «tireuse» Matipo, do último modêlo e uma super-Parvo igual às da Tobis Portuguesa. O pavilhão de filmagem existente não é a última palavra: ao contrário, ressente-se de falta de condições. Todavia, a iniciativa dos cinematografistas brasileiros não é palavra morta e assim, perto do estúdio primitivo, está a construir-se outro, que deve ficar igual ou parecido ao da Tobis, embora um pouco mais pequeno. Êsse pavilhão encontra-se quási concluído, faltando só as coberturas. Na Cinédia, trabalha Ademar Gonzaga, produtor e realizador que está a concluir a filmagem de «Romance Proïbido». Pormenor curioso: naquele estúdio trabalham muitos portugueses. Hipólito Colon, o conhecido e de facto talentoso decorador de tantos filmes, é português. O actor Manuel Rocha, elemento permanente da Cinédia, é português. Portugueses são, em grande número, os empregados do estúdio.

— Quanto ao estúdio da Vita-Filme? — interrogámos.

— Esplêndido. Muitíssimo bom. Bem construído, bem apetrechado, com bom material de iluminação... Máquinas de filmar, duas: uma Débrie e uma Mitchell. Carmen Santos, nossa compatriota, continua a realizar «Inconfidência mineira», filme começado há anos e com o qual já gastou muito dinheiro em espantosos cenários, indumentária e filmagens. Entram muitos portugueses nesta produção, que é esperada com ansiedade, visto focar uma das páginas mais curiosas da história do Brasil.

— E a respeito de material de som? — interrompemos.

— Ah! quanto a material de som, tenho algo que contar. Em primeiro lugar, no Brasil, o registo de som não conhece obstáculos ou dificuldades. Cheguei a filmar com muito vento e sem ter os microfones protegidos. Pois, na projecção, não se ouviram ruídos parasitas, nem rumores inoportunos.

«As aparelhagens de som utilizadas nos estúdios brasileiros são, em parte americanas, em parte nacionais. Devo dizer que a aparelhagem fabricada no Brasil é esplêndida. O material é tão bom de aspecto como de qualidade.

O cinema educativo em marcha

— Devo aqui fazer larga referência ao Cinema educativo — disse Aquilino Mendes. — Êsse, sim, encontra-se notàvelmente desenvolvido e servido, em grande parte, por produção brasileira. Há excelentes películas educativas, tão boas como as melhores que a Alemanha e outros países lançam para os mercados mundiais. À cabeça dos dirigentes destas séries culturais encontra-se o romancista Roquette Pinto. Dirige a produção em colaboração com Humberto Mauro, realizador de «Favella dos meus amores» e um dos mais notáveis operadores cinematográficos do Brasil.

«A filmoteca educativa brasileira é considerada uma das melhores do mundo, em organização, orientação e número de filmes culturais arquivados.

«Os filmes são recolhidos em bobines de 35 m/m e de 16 m/m. Os de 16 m/m são, quási todos, coloridos. Os de 35 m/m sofrem redução, afim de poderem ser exibidos nas escolas e liceus.

«A filmoteca compra tudo o que há de bom no estrangeiro em matéria de produções culturais. Os profissionais de cinema encontram neste curioso e utilíssimo organismo um constante manancial de trabalho.

«Existe na filmoteca excelente material. Assim, vi uma boa máquina de copiar Matipo e outra, de revelar, alemã. Vi, também, máquinas de redução de 35 m/m para 16. Há ainda aparelhagem para se sonorizarem os filmes em português.

«Depois de sonorizados, estes filmes são fornecidos gratuitamente às escolas. A cinemateca possui máquinas de projecção em quantidade. Em todos os cantos populacionais importantes há também um aparelho de projectar que se desloca por tôda a província, percorrendo liceus e escolas com filmes seleccionados pelos mestres e pedagogos.

Produtores e realizadores em actividade

— Quanto a produtores e realizadores em actividade no Brasil?... — interrogámos.

Aquilino Mendes alargou-se em considerações sôbre o interêsse e a actividade desenvolvida pelos cineastas de além-Atlântico.

— O realizador que vai à cabeça, o que é considerado número um pelos próprios brasileiros é Oduvaldo Viana, já conhecido do público português, que viu dêle o filme «Bonequinha de Seda...»

— Oduvaldo Viana esteve na Argentina, a filmar...

— Esteve, mas regressou ao Rio de Janeiro. Actualmente, organiza com seguras possibilidades de êxito, um bloco de produção que decerto dará muito que falar.

— E Humberto Mauro?

— Humberto Mauro tem no seu activo uma série de produções muito populares no Brasil. A mais conhecida é, fora de dúvida, a «Favella dos meus Amores». À série pertencem ainda «Tesouro Perdido»,, «Braza Dormida», «Sangue Mineiro»... Agora produz «Argila». Trata-se dum filme em que, pela primeira vez, se experimenta o sistema do corporativismo. Trabalha-se à noite, nos estúdios de Carmen Santos, até à uma, ou duas horas. Acabados os afazeres diários de cada um, trabalha-se no filme. Parte do pessoal vem da cinemateca. Outra parte vem de fora. Todos os que trabalham em «Argila» entram com uma cota: uns entram com filme, outros com laboratório, outros apenas com o trabalho... É uma iniciativa interessante e que desperta grande simpatia nos meios cinematográficos do Brasil.

— Quanto a emprêsas produtoras...

— Temos a Sonofilme que é, sem dúvida, a que mais tem produzido. Esta firma possuia estúdios e laboratórios mas um incêndio destruiu-os no ano passado. O negativo e o positivo do filme «Asas do Brasil», que ali se encontrava arquivado, desapareceu no sinistro. O realizador dêste filme terminou há pouco «Aves sem ninho», que já teve versões em francês e em espanhol.

«Carmen Santos, proprietária da Vita Filme, desempenha também funções de realizadora, como sabem. Dela já falei. É uma simpatia e é... portuguesa!

«Ademar Gonzaga, outro elemento de destaque e de valor no cinema brasileiro foi, como «Animatógrafo» noticiou, o director de produção de «Pureza», o filme de Chianca de Garcia e dirigiu «Romance Proibido», que se encontra quási concluído. Quando saí do Rio de Janeiro, preparava outra produção com Procópio no principal papel.

Aquilino, Chianca e Fernando de Barros

Aqui, a entrevista derivou para a acção desenvolvida por Aquilino Mendes, Chianca de Garcia e Fernando de Barros no cinema brasileiro. «Pureza» veio à baila e as críticas de «Pureza» também foram motivo de interrogações e explicações.

— Em boa verdade — dissemos — nunca percebemos através das críticas brasileiras, se «Pureza» era um bom ou mau filme. O mais severo crítico brasileiro disse primeiro mal, mas mais tarde pu-

(Continua na pág. 14)

LILIAN é uma simpatia e ficou a simpatizar com Portugal



Lilian Harvey — que não perde a boa disposição nem a alegria de viver por ter de usar muletas (embora o mais temporàriamente possível...) — passeou pelos jardins de Queluz e de Monserrate, acompanhada por António Lopes Ribeiro. Na fotografia vê-se também Guilherme Pereira de Carvalho, do Secretariado da Propaganda Nacional



Lilian Harvey visitou o estúdio da Tobis Portuguesa, onde foi recebida com uma salva de palmas pelos técnicos e intérpretes do «Ala Arriba!». O engenheiro Paulo de Brito Aranha, o operador Octávio Bobone, Artur Duarte, o Dr. Rodrigues Pinto, Elsa Bela-Flor e Leitão de Barros formam uma espécie de guarda de honra à inesquecível vedeta de «O Caminho do Paraíso». À direita, ao alto, o Dr. Alfredo Cortez, por detrás de António Vilar e de Guilherme Pereira de Carvalho





Estes grandes-planos da encantadora Lilian — como tôdas as fotografias que ilustram esta página (à excepção do grupo tirado no Estúdio do Lumiar) — são ampliações de planos filmados pela Spac para as suas «Actualidades». Êles mostram da forma mais evidente e eloqüente que a fotogenia de Lilian Harvey até dispensa perfeitamente a maquilhagem cinematográfica

Conforme «Animatógrafo» noticiou *à grand fracas* no seu último número — com o *fracas* que a categoria da vedeta justificava largamente — Lilian Harvey, a princesinha irreal de tantos filmes espantosos, a que foi, depois de Mary Pickford, a «Noiva do Mundo», passou por Lisboa a caminho dos Estados Unidos.

Lisboa é hoje a «sala de espera» da América do Norte. Os átrios dos hotéis regorgitam de passageiros — ou, melhor, de candidatos a passageiros — que aguardam o avião ou o paquete que os há-de levar. E há que dizer que a sua passagem por Lisboa já não lhes deixa aquela impressão pouco favorável de há alguns anos: antes lhe deixa saüdades.

A nós é que nem todos nos deixam saüdades, valha a verdade... Mas Lilian deixou-nos cheios, cheiinhos de saüdades dela!

Porque Lilian é uma simpatia.

Não é possível conceber ninguém de mais angelical, de mais agradável presença. A sua conversação, cheia de movimento e de interêsse, servida por uma memória excepcional e pela voz deliciosa que todos lhe conhecem, cativa desde o primeiro instante. E prende-nos a ponto de ser difícil desligar-nos dela.

Assim, desde que a encontrámos no Avenida Palace — não a víamos desde Berlim, quando filmava para a Ufa — não a largámos mais, até à sua partida definitiva no «Clipper» de quinta-feira. E dizemos definitiva porque, por duas vezes, teve duas «saídas falsas», como se diz em teatro... Numa delas chegou a fazer oito horas de vôo, chegou quási a alcançar os Açores. Mas os aviadores da Panamerican — *excessivement prudents*, como ela diz... — viram o mar encapelado e preferiram voltar para trás.

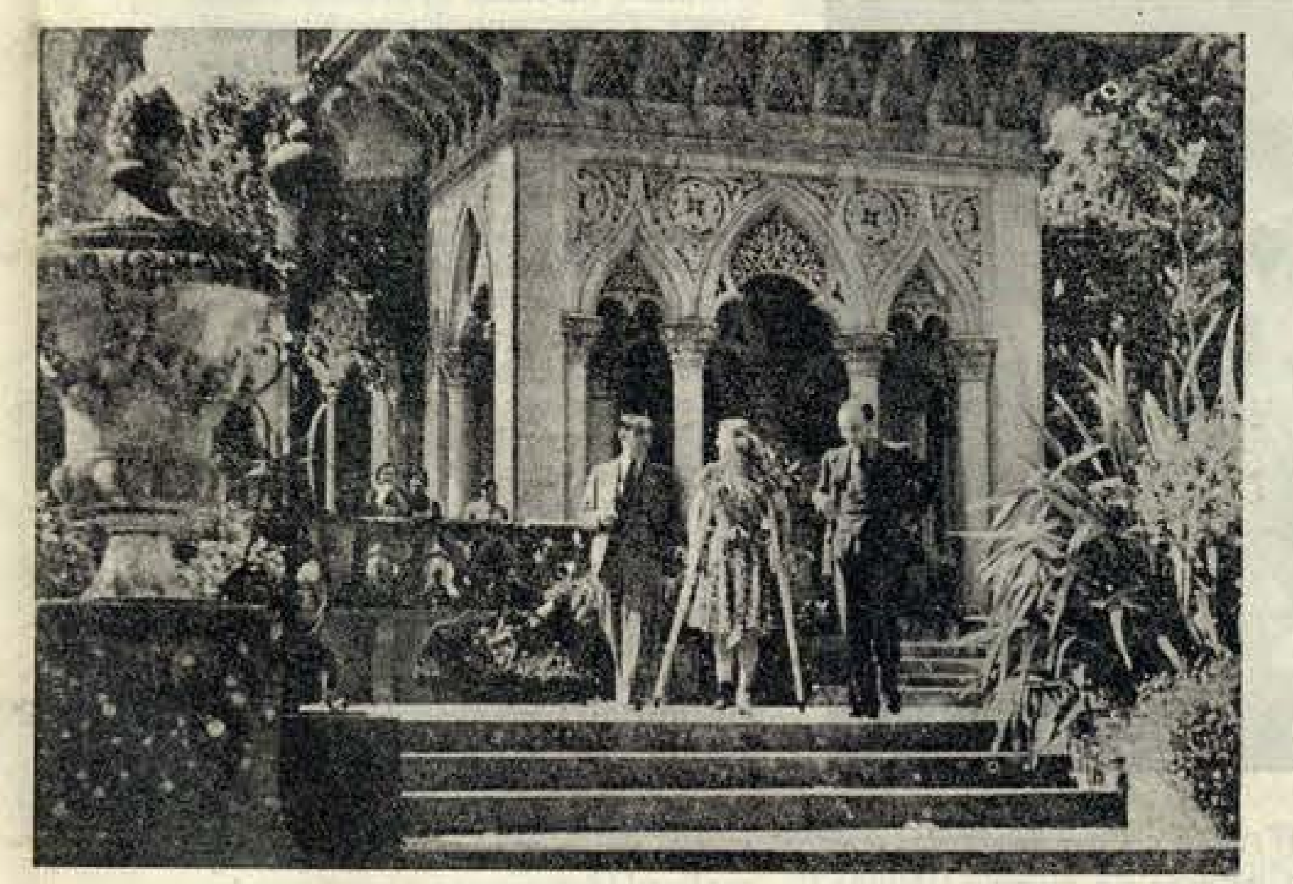
Para nós, foi uma autêntica alegria, pois já não esperavamos vê-la antes de Outubro — mês em que possìvelmente regressará para se demorar algum tempo em Portugal — a sua figurinha loira e frágil, os seus olhos admiráveis de inteligência e de bondade, a sua boa disposição e amabilidade permanente.

Um acidente estúpido, que lhe ocasionou uma fractura no pé direito, obriga-a a andar momentâneamente de muletas. Mas que ninguém suponha que isso embacia um só instante o brilho do seu espírito, a sua irradiação de artista e de mulher.

«Animatógrafo» aproveitou o ensejo para lhe mostrar as belezas dos arredores de Lisboa, que ela apreciou com o mais sincero entusiasmo. Nos jardins de Queluz e Monserrate, visitando o Palácio soberbo, agora reconstruído, ou em frente dos buxos, das relvas e das árvores, o seu sorriso parecia bailar, já que o seu pé partido lhe não permitia bailar como só ela sabe, em gestos graciosíssimos, espirituais, que fizeram o êxito do «Caminho do Paraíso» e do «Congresso que dança».

Mas quem sabe se a veremos um dia bailar nas alamedas de Queluz e nas *pelouses* de Sintra?... Quem sabe?... Lilian Harvey gostou tanto do nosso país e do nosso Sol (que, aliás, anda esquivo) que bem pode um dia voltar...

B. F.



Lilian Harvey, entre António Lopes Ribeiro e Guilherme Pereira de Carvalho, no cenário fantasioso e admirável de Monserrate

Como funciona o Serviço de Selecção de Intérpretes da Prod. António Lopes Ribeiro

Tôdas as pessoas, de qualquer idade, aspecto ou condição, que desejarem representar em filmes cinematográficos portugueses produzidos por António Lopes Ribeiro, deverão ir buscar A PARTIR DE AMANHÃ, Terça-feira, 17, uma SENHA DE INSCRIÇÃO à Redacção do «Animatógrafo», Rua do Alecrim, 65, sobre-loja, TODOS OS DIAS ÚTEIS, das 11 às 13 e das 16 às 18 horas.

Nessa senha vai indicada a MORADA, o DIA e a HORA em que o portador deverá ser inscrito no SERVIÇO DE SELECÇÃO DE INTÉRPRETES da Prod. A. L.R..

Evita-se assim a aglomeração, o atropêlo e a espera impaciente, com a inevitável e prejudicial perca de tempo. Cada portador duma senha de Inscrição será recebido na sede da Prod. A. L. R. no dia e à hora marcada, necessitando apenas de 15 MINUTOS para elaboração da sua ficha.

No acto da inscrição, terá que pagar ùnicamente a quantia de ESC. 2$50 (DOIS ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS), que se destina integralmente ao fundo de Acção Social do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

Receberá nessa mesma altura uma SENHA DE RETRATOS, com a qual deverá apresentar-se na FOTOGRAFIA BRASIL, Rua da Escola Politécnica, 141, dirigida pelo grande fotógrafo Silva Nogueira, que se especializou em retratos de artistas teatrais e cinematográficos. A Senha de Retratos também indicará o dia e a hora em que serão feitos 2 RETRATOS, um de corpo inteiro e uma cabeça, INTEIRAMENTE POR CONTA DA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO, únicos utilizados nas fichas do S. S. I..

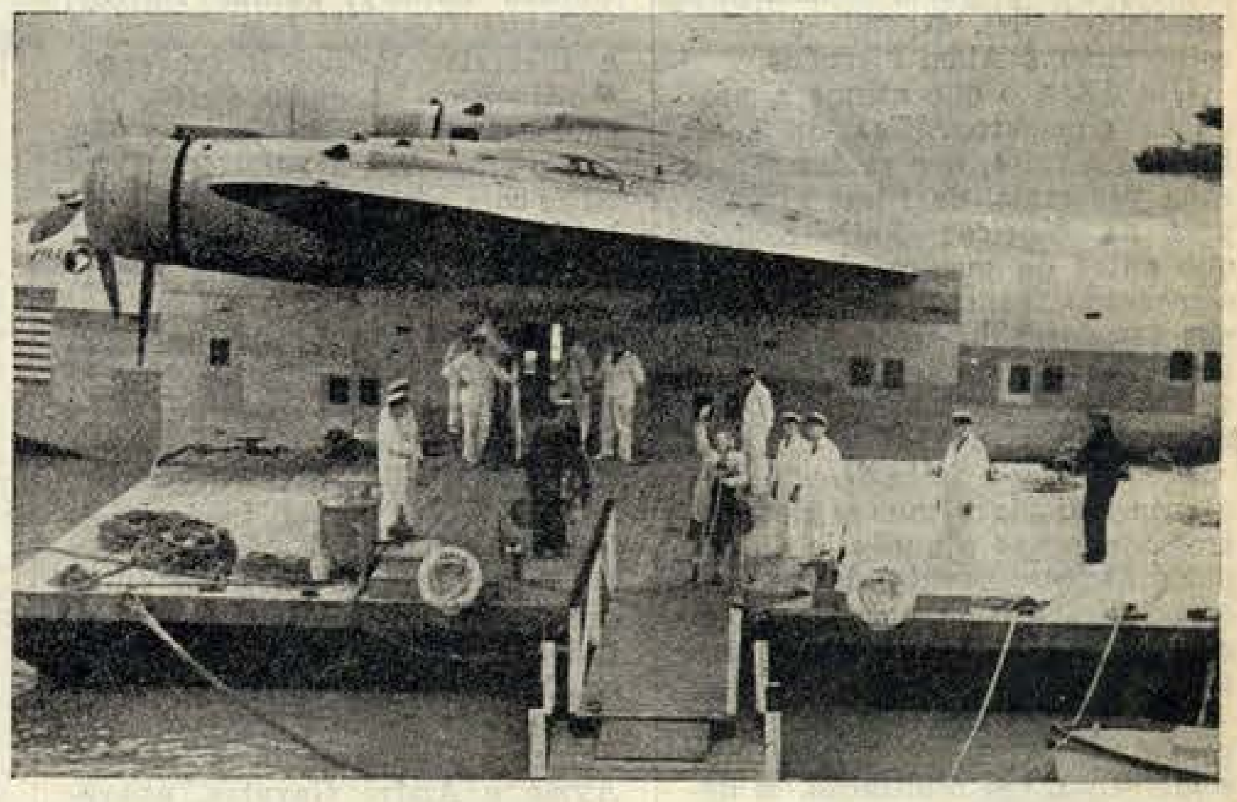
É portanto inútil levar quaisquer outros retratos, pois não poderão ser utilizados. E como os retratos necessários são GRATUITOS, assim se evita qualquer despesa com fotografias aos que se inscreverem.

Uma vez inscritos no S. S. I. da Prod. A. L. R., todos ficam aptos a ser convocados na primeira oportunidade que, conforme se disse na pag. 3, não tardará. E outras muitas oportunidades se oferecerão A TODOS, desde que haja necessidade dum tipo cinematográfico correspondente à idade e ao aspecto do inscrito.

E mais uma vez se assegura que SÓ OS INSCRITOS NO S. S. I. SERÃO CONVOCADOS, para trabalhar no Cinema Português a trôco duma REMUNERAÇÃO CONDIGNA, estabelecida, segundo QUATRO CATEGORIAS de utilização, na última reünião da Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema. Essas categorias correspondem AOS PAPÉIS E NÃO ÀS PESSOAS, isto é: conforme a importância do trabalho exigido e nunca conforme a condição dos inscritos.

O S. S. I. da Prod. A. L. R. não se destina apenas à FIGURAÇÃO, à comparsaria — serve também para a escôlha dos intérpretes encarregados dos PEQUENOS PAPÉIS, que são o mais seguro caminho para que um dia possam vir a interpretar o grande papel que ambicionaram muito legitimamente.

Inscrevam-se portanto os interessados, vindo buscar as suas Senhas de Inscrição à Redação do «Animatógrafo».



Em Cabo Ruivo, momentos antes de partir no «Clipper» a Caminho da América, Lilian Harvey acena um último e efusivo adeus aos amigos seguros que deixou em Portugal

NOTÍCIAS DA EUROPA

ESPANHA

Desde Janeiro, fundaram-se 14 sociedades produtoras de filmes!

A produção espanhola continua em maré de rosas. Os estúdios, tanto os de Madrid como os de Barcelona, não têm, pode dizer-se, datas livres, trabalhando-se neles afanosamente, e por sua vez, os artistas e os técnicos não têm mãos a medir. O nível artístico parece também ter sido muito melhorado.

Um outro elemento que serve bem para avaliar o desenvolvimento actual do cinema de Espanha nestes últimos seis meses é dado pelo número de novas emprêsas produtoras que desde essa altura têm surgido. Nada menos de catorze entidades responsáveis pela produção de filmes trabalham agora, a par das suas mais antigas concorrentes. São elas: Hermic Filmes, Ediciones Cumbre, Ballesteros, Cinemediterraneo, D. A. E. S. A. que significa Dibujos Animados Españoles, Sociedade Anónima, Filacio Flaquer, C. E. P. I. P. S. A., Astro Producciones Cinematograficas, S. A. S. Filmes, Produtores Associados, Editores Cinematográficos Unidos (E. C. U.), Vulcano Filmes e Hispano Filmes.

E agora vamos dar a seguir uma lista dos principais filmes presentemente em realização.

● Nos estúdios Roptence estão em vias de conclusão as filmagens de PRIMER AMOR, segundo Ivan Turgeneff, de que Claudio de la Torre é o realizador. Interpretam-no Tony D'Algy, Rosita Yarza, Consuelo Nieva, Luis de Armedillo, Mariano Azaña e Rosario Royo. Produção da Hermic Filmes.

● SOL DE VALENCIA é como se intitula o filme, com carácter de zarzuela, que nos estúdios Orphea, o encenador José Gaspar está dirigindo, tendo por intérpretes Joaquim Bergia, José Giner, Leonor Fabregas, Luis Villasiul, Maruja Gomez, Arturo Camara, Alicia Gonzalez, Tereza Molgosa e Francisco Villagomez. É tirado dum argumento original de Andres Hurtado com música de Vicente Quirós. Fotografia de José Luiz Perez de Rozas. Julio Elias é o produtor

● Miguel Ligero, o maior actor cómico do cinema espanhol, que apareceu já em Portugal na personagem de D. Hilarion da «Verbena de la Paloma», é o principal intérprete da comédia PEPE CONDE, em que também participam Pastora Peña, Jesus Fordesillas, Francisco Hernandez Antonio Casal, Ana de Siria e Miguel Pozancio. Dirige-o José Luiz Rubio para a Ufisa. Tourjansky, irmão do célebre realizador do mesmo nome é o caracterizador.

● O director francês Jean Choux, que como se sabe está desde há algum tempo trabalhando em Espanha, é o responsável pela realização do filme SARASATE que para a Hispano Filmes está dirigindo nos estúdios C. E. A. que Alfredo Mayo personifica na tela. São seus intérpretes também a actriz italiana Margarita Carossio há pouco chegada a Madrid, Luchy Soto, José Nieto, conhecido actor espanhol, *habitué* dos estúdios europeus, Manolo Moran, Alberto Romea, José Maria Seoane e Maria Luiza Monero. Os intérpretes do filme são de Comba, estando as câmaras confiadas ao espanhol Alfredo Fraile e ao italiano Rittione.

● O primeiro filme a realizar nos novos estúdios Chamartin, inaugurados em Abril, será uma película de curta metragem que Fernando de Toledo dirigirá. Em Setembro será realizado naqueles estúdios o filme CANCIÓN DEL GUADALQUIVIR, para a Hispano Filmes e de que Maurice Chevalier será o protagonista.

● DANZA DE FUEGO, com argumento de Juan Ors de Navarro, está sendo realizado nos estúdios Ballesteros para a casa produtora Cinemediterraneo em duas versões: uma espanhola e outra francesa, dirigidas respectivamente por Jorge Salviche e e André Hugon, com fotografia de Hans Scheib e Perez Cubero. Antoñita Calomé, uma das mais interessantes e talentosas vedetas espanholas, será a protagonista das duas versões. Na espanhola aparecem também Eduardo Valverde, Luiz Arroio, Rafael Calvo e Maria Luiza Girona, e na francesa Charpin, Charles Vanel e Marguerito Moreno. Certos interiores e exteriores do filme, cuja acção se passa em Madrid e em Paris, serão filmados nos estúdios de Marcel Pagnol, em Marselha.

FRANÇA

Poucos estúdios e a falta de filme, são os dois mais graves problemas do cinema francês

Dois importantes problemas, respeitando um a zona livre, o outro a ocupada, prejudicam presentemente a indústria cinematográfica francesa. Da sua resolução que se afigura, de momento bastante difícil, depende o futuro do cinema Além-Pirenéus.

Um dêles, o que atinge a produção cinematográfica da zona livre, é a falta, que se faz sentir cada vez mais, de filme virgem, pois as fábricas Pathé-Kodak, que antes da guerra abasteciam o mercado francês, encontram-se nos arredores de Paris, sendo difícil, se não impossível ao que parece, o fornecimento da sua mercadoria à zona de Vichy.

Por sua vez a falta de estúdios, a cuja maioria a guerra deu outros destinos, e a ausência de importante contingente de pessoal especializado, têm entravado em grande escala a produção de filmes na zona ocupada.

No entanto, um regular número de filmes se encontram, presentemente, em realização. É dêles que a seguir vamos dar indicação.

● Nos estúdios de Nice Yvan Noé, que já trabalhou em Hollywood como «scenarista», realiza o filme HOMMES SANS PEUR, que Charles Vanel, Jean Murat, Claude Dauphin, Madeleine Sologne, Georges Lannes, Gérard Landry, Janine Darcey, Suzanne Després, Jean Daurand e Pierrette Caillol interpretam.

● Georges Lacombe dirige, nos estúdios de Billancourt, em Paris, o filme LE DERNIER DES SIX, com Pierre Fresnay. Michèle Alfa, Jean Tissier, Jean Chevrier, André Luguet, Suzy Delair e Lucien Nat.

● Está terminado o filme LES DEUX TIMIDES de que foram intérpretes Claude Dauphin, Henri Guisol, Jacqueline Laurent, que já trabalhou em Hollywood, Tramel, Marc Dantz, Lucien Callamand e Jeanne Marken.

● A primeira figura do filme que Maurice Gleize dirige nos estúdios Pagnol, em Marselha, CLUB DES SOUPIRANTS é Fernandel. Neste filme, cuio argumento é da autoria de Marcel Aymé e André Gayatta, aparecem com aquele popular cómico Saturnin Fabre, Louise Carletti, Andrex, Marcel Vallée, Colette Darfeuil e Annie France.

ALEMANHA

Anny Ondra, Willy Fritsch e Paula Wessely, aparecem em novos filmes da U. F. A.

No número passado de «Animatógrafo» preguntava-se numa das suas páginas, o que era feito de certos artistas alemães que em Portugal gozaram até determinada altura, grande popularidade. Pois bem: hoje podemos dar aos nossos leitores, entre outras notícias, seguras informações acêrca de três artistas, dois dos quais muito queridos do nosso público, e uma outra actriz que um único



Ilse Werner e Carl Raddatz, dois novos actores do cinema alemão, são os protagonistas de «Concêrto a Pedido»

filme, a célebre «Mascarada» de Willy Forst, bastou para a impôr entre nós. Referimo-nos a Anny Ondra, Willy Fritsch e Paula Wessely.

A primeira, cujo nome andou há poucos dias muito falado nos jornais quando das notícias referentes a seu marido, o «boxeur» Max Schmelling, concluiu últimamente para a U. F. A. a comédia DER GASMANN («O Cobrador do Gás») no qual tem por parceiro outro famoso cómico alemão, o impagável Heinz Rühmann. Carl Froelich, a figura de realizador mais categorizada do cinema alemão actual, foi o director dêste filme.

Willy Fritsch é o intérprete do filme de propaganda ANSCHLAGAUF BAKU («Atentado em Baku»), cuja acção se passa nos campos petrolíferos de Baku, e cujo argumento se relaciona com a acção do Inteligence Service nos Balcãs. Além do intérprete de «Mulher na Lua» aparecem ainda neste filme, que Fritz Kirchoff realizou para a emprêsa de Neubabelsberg, René Deltgen, Fritz Kampers e Jutta Freybe.

Por sua vez Paula Wessely, ao lado de Attila Hörbiger é a protagonista de HEIMKEHR («Regresso à Pátria»), em que é relatada a vida dos alemães da Volinia que regressaram, últimamente, à pátria depois de séculos de separação.

Um outro filme estreado com grande êxito foi WUNSCHKONZERT («Concêrto a pedido»), que é a transposição cinematográfica dum programa radiofónico muito popular na Alemanha, especialmente destinado aos soldados em campanha, em que costumam tomar parte as maiores celebridades no campo da música, do teatro, do musi-hall e do próprio cinema. O argumento dêste filme que Eduard von Borsody realizou, fez passar o protagonista pelos últimos Jogos Olímpicos, pela guerra de Espanha e pelo conflito actual. Carl Raddatz, Ilse Werner, Ida Wüst e Hans Adalbert von Schlettow são os seus intérpretes principais.

Carl Raddatz é também o intérprete de STUKAS, que como do título se depreende, é dedicado à moderna aviação alemã. O realizador é Karl Ritter, autor também do argumento, em colaboração com Felix Lützkendorf, e os intérpretes são, além de Carl Raddatz, Albert Hehn, Else Knott, Hannes Stelzer, Marina von Dittmar, Herbert Wilk e Ernst von Klipstein.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

SHIRLEY TEMPLE fará «Cathleen» para a M. G. M. e «Lucky Sixpence» para a United Artists

A escolha do filme que marque a estreia de Shirley Temple nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer com quem há meses assinou um contrato que embora de duração não muito longa se apresenta de compensadora importância material dada a baixa sensível que ùltimamente têm sofrido os salários dos actores de cinema americano, e pelo qual ela recebe semanalmente dois mil e quinhentos dólares! — tem sofrido as mais imprevistas alterações.

«Pannama Hattie» uma peça musical de êxito enorme na Broadway, cujos direitos a M. G. M. adquiriu por bom preço devia, segundo informações daquela própria emprêsa, ser o primeiro «vehicle» de Shirley Temple nos estúdios de Culver City, nele aparecendo ao lado de Eleanor Powell. Entretanto, para «partenaire» de Powell naquele filme foi escolhida Joan Carrol, que já no teatro interpretou o papel.

A segunda notícia relativa ao primeiro filme de Shirley indicava «Babes in Broadway», em que apareceriam também Judy Garland e Mickey Rooney. Contudo, a sua realização foi marcada para uma data ulterior em virtude de haver necessidade de rever e alterar o seu argumento.

Não era desta ainda, que a adorável protagonista do «Pássaro Azul» voltaria a trabalhar nos estúdios, depois de ter deixado a Fox.

Pouco tempo se passou quando uma nova notícia surgiu a indicar definitivamente, o título do filme em que Miss Temple deveria tomar parte. Desta vez era para aparecer ao lado de Wallace Beery, que fôra já, noutro tempo a «mascotte» dum outro actorzinho, Jackie Cooper, que com êle fizera o famoso «The Champ».

O filme intitulava-se «Lazy Bones» e nele Shirley faria uma rapariguinha, sem eira nem beira, que o gigante Beery adoptaria. Contudo como já lhe sucedera em «Pannama Hattie», os dirigentes da Metro voltaram a mudar de opinião, entregando a Virginia Weidler o papel que primeiramente lhe fôra reservado no filme de Beery, que passou agora a ter por título «Bannacle Bill».

Há poucos dias, e desta vez parece que novos precalços não virão a suceder àquela que foi uma das maiores atracções de bilheteira que a história do cinema aponta, soube-se o título do seu primeiro filme para a Metro — «Cathleen». Entretanto — não há fome que não dê em fartura. De facto, o produtor Edward Small, do grupo da United Artists, assinou com os pais de Shirley um contrato para um filme, com direito a opção. Êsse filme, que se intitula «Lucky Sixpence» e cuja produção se iniciará logo que a Metro conclua «Cathleen», é feito sôbre um argumento de Emily Brown Knipe e de seu marido Arthur Knipe. No caso de Small se aproveitar dessa opção, Shirley Temple aparecerá em novas versões de antigos filmes de Mary Pickford, o primeiro dos quais deverá ser «Little Annie Roonie», depois de no argumento serem introduzidas alterações consideradas indispensáveis.

Pôsto isto, somos chegados à conclusão de que a carreira de Shirley Temple vai de vento em pôpa. E isto porque, com tanto argumento a filmar, é natural que ela não chegue para as encomendas...

De qualquer modo, a carreira de Shirley, que parecia condenada, continuará numa ascensão segura e, sem dúvida alguma, absoluta.

Que descansem os admiradores da popular vedeta.

Wallace Beery vai reaparecer em «Barnacle Bill»

Wallace Beery, cuja carreira vem dos tempos, já longínquos da outra guerra, mantém hoje ainda o seu prestígio, continua ocupando um lugar de primeiro plano entre as demais vedetas da emprêsa que de há muitos anos o conta no seu elenco, a Metro Goldwyn Mayer.

Wallace Beery, cuja actividade cinematográfica tem sido nos últimos tempos, bastante restrita, o que parece estar em contradição com a popularidade que presentemente goza ainda por tôda a parte, está agora, depois de largos meses de ausência dos «sets» dos estúdios de Hollywood, interpretando um novo filme para a sociedade de Louis B. Mayer. Intitula-se «Barnacle Bill» aparecendo a seu lado, como parceiros a pequena Virginia Weidler notável actrizinha, Marjorie Main, Leo Carrillo e Donald Meek, dois cómicos de merecimento e Barton Mc Lane, um bom actor de composição. O realizador é Richard Thorpe e a fotografia tem a assiná-la o nome prestigioso de Clyde De Vinna.

A acção do filme, primitivamente intitulado «Lazy Bones», decorre no pôrto de Los Angeles.

GEORGE PAL, o realizador dos filmes de bonecos da Phillips está na Paramount

Dentre os filmes de publicidade que, não só entre nós como em qualquer outro país, mais se têm feito notar, são, sem dúvida os da série que, de há anos para cá, a Philips utiliza para reclamar os seus produtos, quer se trate de aparelhos de telefonia, quer da propaganda do seu material de iluminação, como por exemplo «O Atlas Mágico», o «Navio do Eter» ou «Ali Baba». Interêsse aliás justíssimo pois se trata, na verdade, de pequenas maravilhas já pela novidade técnica que apresentam êsses bonecos feitos em matéria plástica de efeito surpreendente, quer pelo bom gôsto, pela graça, pelo colorido feliz, pelo cuidado, enfim, que preside sempre à sua realização. O criador dêsses bonecos, diferentes de tudo o que se conhecia, quer se trate das «marionettes» de Ladislas Starevitch, ou dos bonecos russos de Ptushko, o animador extraordinário do «Novo Gulliver», é o holandês George Pal que partindo há cêrca de três anos para os Estados Unidos, só agora conseguiu impor ali as suas obras e a sua técnica, fazendo parte, com uma organização autónoma, da Paramount, a cujos filmes foi dado o tíulo genérico de «Puppetoones».

George Pal, que realizou já três filmes, recebidos com grande êxito, e cujos títulos são: «Western Daze», «Dipsy Gypsy» e «Hoola Boola», acaba de concluir o n.° 4 da série que se chama «The Gay Knighties».

CLAUDETTE COLBERT vai interpretar «Remember the day» para a Fox
JOHN PAYNE será o seu parceiro

Tal como Charles Boyer ou Barbara Stanwick, Frederick March ou Rosalind Russel, Henry Fonda ou Irene Dunne, Claudette Colbert está catalogada, no meio difícil e complicado da indústria cinematográfica de Hollywood, como uma artista independente, isto é entre aquelas que não se encontram contratadas em exclusivo e a longo prazo por uma única companhia. Claro que esta situação se apresenta certos riscos, e daí só dela poderem usufruir elementos de elevada categoria artística, tem em contra-partida, sérias vantagens e benefícios, entre os quais se contam a liberdade de movimentos que lhes são permitidos no que respeita a aceitação ou a desaprovação dum argumento, ou a escolha duma personagem que mais se adapte e ajuste à sua personalidade.

O método permite evitar, assim, erros que, como tantas vezes temos podido ser testemunhas, podem ser prejudiciais à carreira ou ao bom nome dum actor ou duma actriz.

Claudette Colbert, está pois entre o pequeno, mas valioso número dêsses comediantes. Assim ao seu contrato com a Paramount, que a obriga a interpretar três filmes por ano e para quem há pouco concluiu «Skylark», acaba de juntar um outro que assinou agora com a 20th Century Fox, onde também se encontram trabalhando em idênticas circunstâncias Irene Dunne, Ronald Colman e Charles Boyer.

O primeiro filme que a intérprete insinuante de «Tovaritch» fará para a sociedade de Darryl Zanuk será «Remember the Day» ao lado de John Payne, o galã de «A Vida é uma Canção» agora tão em evidência.

«Lembra-te daquele dia» é tirado duma peça de Philo Higley e Philip Dunning, sendo o «scenario» escrito por Tess Sleringer e Frank Davis. O filme será um dos de mais categoria do novo programa da Fox.

FITAS NA FORJA

● *ILUSIONS, com Merle Oberon, Alan Marshal, Joseph Cotten, Hans Jaray, George Reeves, Edna May Olliver, John Halliday, Sara Allgood e Billy Roy. Direcção de Julien Duvivier. Fotografia de Georges Barnes. United Artists. (Sonoro-Filmes).*

● *OUR WIFE, com Ruth Hussey, Melvyn Douglas, John Hubbard e Charles Coburn. Realizada por John M. Stahl. Fotografia de Henry Sharpe. Columbia. (Aliança Filmes).*

● *GETAWAY, com Robert Seterling, Donna Adams, Van Heflin, Charles Winninger e Dan Dailey J.or. Dirigida por Richard Rosson. Fotografia de Sid Wagner. M. G. M.*

● *ANGELS WITH BROKEN WINGS, com Binnie Barnes, Edward Norris, Gilbert Roland, Jane Frazee, Marilyn Hare, Lois Ranson, Leni Lynn, Katherine Alexander, Mary Lee, Billy Gilbert e Leo Gorcey. Realização de Bernhard Vorhaus. Republic (Filmes Luiz Machado).*

● *INTERLUDE, com Jean Hersholt, Dorothy Lovett, Robert Baldwyn e Neil Hamilton. Direcção de Erle C. Kenton. R. K. O. Rádio Filmes.*

AQUILINO MENDES

(Continuação da pág. 9)

blicou artigos elogiando Chianca e enaltecendo o seu trabalho.

Aquilino sorriu.

— O filme é bom — disse-nos — e tem mais qualidades do que defeitos. O que dá a justa medida do valor do trabalho de Chianca é a revista «Cultura Política», publicação mensal do Estado, com cêrca de 300 páginas, e que considera «Pureza» como «o primeiro filme brasileiro».

— E a «Portuguesinha»? — interrogámos.

— Chianca pensava, de facto, fazer um filme com Beatriz Costa mas, possivelmente, êsse projecto ficará em suspenso não só devido à minha partida mas também ao agravamento da situação internacional. A guerra sente-se, além-mar, muito mais do que aqui.

— E Chianca ficará pelo Brasil?

— Êle não tencionava voltar, pelo menos enquanto a Europa não voltasse à tranqüilidade. Por isso fiquei muito surpreendido quando me disseram aqui que êle vinha para Portugal. De qualquer modo, os boatos e as notícias surpreendem-me.

— E Fernando de Barros?

— Foi óptimo assistente — e até mais do que assistente, porque desempenhou mil e um cargos — na «Pureza». Muito dedicado e trabalhador. Mas o cinema não lhe garante a existência no Brasil, de sorte que, actualmente, é empregado numa perfumaria, onde faz demonstrações de produtos de maquilhagem...

Cabe a vez de sabermos qual a acção desenvolvida pelo nosso entrevistado no Cinema brasileiro.

— Não tenho razão de queixa porque nunca me faltou o trabalho — disse Aquilino Mendes. Fui o operador de «Pureza»; fiz um filme do Carnaval no Rio; fiz uma reportagem ao litoral Norte, acompanhando o interventor Ademar Gonzaga... Essa reportagem agrada-me especialmente porque resultou um bom filme, com boa foto e lindas paisagens. Nesse filme, mostro a ilha de Anchieta, onde fica o presídio. É uma ilha formosíssima e que constitui um cenário admirável para uma série de filmes. Um pormenor: a ilha de Anchieta é guardada, não só por agentes da autoridade, mas também por tubarões.

«Fiz ainda inúmeras reportagens e trabalhei nos laboratórios.

— E êsses laboratórios?

— Não necessito de dar a minha opinião, quando Humberto Mauro foi o primeiro a declarar que há tôda a conveniência, a bem do Cinema brasileiro, em cuidar do problema do laboratório e fundar até um laboratório central. Faz-se o que se pode mas não tanto quanto se deve. Estou certo de que êste problema vai ser encarado devidamente e resolvido num dia próximo. Raimundo de Magalhães, o severo crítico da «Noite», declarou textualmente na «Cultura Política», referindo-se ao Cinema brasileiro: «Afirmo que não pode ter fracassado o que não existe ainda». Claro que Raimundo de Magalhães é sempre excessivo. O Cinema brasileiro existe, como o nosso existe. Um e outro necessitam, porém, de afinar certos pormenores, e limar algumas das arestas que apresentam ainda. Para falar francamente e sem intuito de melindre: concordo com Humberto Mauro: o Brasil necessita de cuidar dos seus laboratórios cinematográficos. E então a sua produção melhorará dum dia para o outro e sem que isso pese nos orçamentos.

O filme português no Brasil

— Com respeito à situação do filme português no Brasil...

Aquilino Mendes responde prontamente:

— É preciso dizer-se a verdade a êste respeito e falar sem subterfúgios que só seriam prejudiciais: a aceitação do filme português no Brasil é fraca, muito fraca mesmo, quer por parte dos brasileiros, quer dos portugueses. O grande êxito, o único grande êxito cinematográfico nacional no maravilhoso país sul-americano foi a «Severa». De então para cá, a aceitação dos nossos filmes desceu e, hoje, uma produção nossa é recebida como qualquer outra que não seja da América do Norte. O Brasil adora o Cinema americano e essa adoração, aliás justificada, cresce dia a dia. A própria colónia portuguesa não se interessa muito pelos nossos filmes.

«Também os produtores e os realizadores portugueses não devem ter a preocupação de fazer filmes a contar com o Brasil, quer intercalem cenas brasileiras ou tendentes a agradar ao público brasileiro, quer não as intercalem, o êxito é igual. Se acaso, um filme português exceder êste nível de agrado e de êxito, deve-se a um factor chamado sorte, ou a qualquer circunstância de momento que não podemos prever. Nessa altura, o que vier... é ganho.

Pormenores curiosos e elucidativos

— As produções brasileiras saem mais baratas do que as nossas? — interrogámos com o receio de enfadar o nosso entrevistado e de não apurar tudo o que possa interessar o leitor.

— Muito mais baratas — responde-nos o operador da «Aldeia da Roupa Branca».—Em primeiro lugar: o filme custa, no Brasil, 30 % menos do que em Portugal. O aluguer dos estúdios custa menos 50 % do que os nossos. Os artistas ganham pouco e a música é quási de graça.

Pedimos ao nosso entrevistado que pormenorizasse a sua afirmação.

— No Brasil, os músicos não trabalham à hora (nos filmes) mas por empreitada. De modo que despacham depressa. Posso declarar que a partitura da «Pureza», direcção e execução custou pouco mais de oito contos.

«Por outro lado, o melhor compositor brasileiro — ou o mais popular — não cobra mais de 500.000 réis de direitos da autor por cada trecho musical. Assim, Dorival Caim, um dos melhores compositores típicos do Brasil, recebe 500.000 réis por direitos de autor e trabalho de execução ou direcção.

— E a gravação?

— Rápida. Chegámos a fazer quatro gravações numa hora. Chama-se pessoal da «rádio» e ensaia-se. Se a música é conhecida, basta um ou dois ensaios. Se não é conhecida, ensaia-se três vezes. Acto contínuo, grava-se

— E os resultados?

— Perfeitos.

— «Como vêem, o Cinema brasileiro é um facto. Existe e quere progredir. Mas eu tinha de vir a Portugal. Trago comigo um contrato de três anos. Se a produção portuguesa tomar o rumo de continuidade tão apetecido e necessário, ficarei. Caso contrário...

E mais não disse Aquilino Mendes.

E mais não preguntou o jornalista.

M. da C.

A utilidade dos desenhos animados na cinematografia médica

Por *Amílcar Moura*

No primeiro artigo que escrevemos em «Animatógrafo», sôbre cinematografia médica referimos o caso dum cirurgião francês — Victor Panchet — que teve a curiosidade de apresentar num Congresso de cientistas, um filme de desenhos animados. Êsse filme em que se descrevia pela imagem, a técnica de ressecção de determinadas úlceras do estômago, teve um grande êxito e mostrou até que ponto se poderiam aproveitar para a Ciência as possibilidades da cinematografia. Quando Walt Disney desenhou os seus primeiros bonecos e a máquina de projectar lhes insuflou o movimento, mal se pensava na retumbante conquista que êsse genial criador ia efectuar no mundo do cinema. Tão grande ela foi que as casas produtoras que, de princípio, nos davam filmes de curta duração, se abalançaram, posteriormente à realização de obras de grande metragem cujo êxito nas plateias mundiais é desnecessário encarecer. Perdura ainda na memória de todos a recordação das maravilhas de técnica e de fantasia, cheias de real interêsse, que nos mostraram filmes como «A Branca de Neve e os Sete Anões», «Pinocchio», «Viagens de Gulliver», etc.. Tais filmes onde a imaginação humana se compraz em ir muito para além dos limites do inconcebível, vieram ensinar-nos a encarar o cinema de maneira algo diferente da que estavamos habituados.

Os desenhos animados representam um grande adiantamento no capítulo da fotografia em movimento. As suas grandes vantagens, no que toca ao campo da cinematografia médica, residem no facto de êles nos poderem figurar, melhor que imagens inanimadas reais ou esquemáticas, cenas ou aspectos que seria impossível fixar com a objectiva cinematográfica. Exemplifiquemos. A secreção de bilis pelo fígado, o trânsito das matérias fecais pelo intestino, os processos biológicos que se passam na intimidade dos tecidos ou das células, o ataque dum microparasita em recantos profundos do organismo, a série de operações maravilhosas que se efectuam no ovo fecundado — são coisas que a objectiva cinematográfica dificilmente poderá atingir em condições de se obterem bons resultados. Embora o microscópio e a microcinematografia conseguissem devassar muitos escaninhos, antes bem guardados, e nos tenham revelado mundos completamente novos, o seu poder não é infinito. A objectiva da máquina de filmar não é, ainda, nesta matéria, omnipresente. E enquanto essa insuficiência não fôr removida, os desenhos animados continuarão a prestar aos cientistas grandes serviços como maneira óptica de difusão de conhecimentos e descobertas.

Em várias Universidades do mundo onde se ensina a biologia, a fisiologia ou, enfim, a medicina, os alunos, além de ouvirem as lições magistrais e adquirirem noções fundamentalmente práticas, recebem freqüentes demonstrações e grande número de ensinamentos pela imagem animada. Em vez de estiolarem, em noites de insónia, cabeceando sôbre enormes amontoados de páginas, os alunos assistem a projecções de filmes cuja recordação os orienta, depois, muito melhor que intermináveis explicações, ao estudarem a teoria. É neste capítulo de demonstrações com fins didácticos que os filmes de desenhos animados, pelo que dissemos acima e por outras razões desempenham um papel de relevante importância. Assim, as transformações sucessivas por que passa o ovo humano ou de outros organismos vivos após a fecundação, são transformações complicadas e bastante difíceis de apreender e de reter na memória de maneira estável, pela leitura dos livros e observação das gravuras. Essas dificuldades são em grande parte removidas com os desenhos animados, que, dando-nos imagens dotadas de movimento, imagens dinâmicas e não estáticas, prendem muitíssimo mais a nossa atenção, além de que fornecem maior soma de pontos de referência ao estudioso que, amanhã, pretende evocá-las na mente. Por aqui pode avaliar-se a importância que os desenhos animados adquirem quando se trata de pôr ante os olhos do educando as concepções ou teorias, construídas sôbre determinados conjuntos de factos, pelos educadores.

Para terminarmos êste breve esbôço sôbre algumas das muitas explicações dos desenhos ani-

(Continua na pág. 18)

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.° — LISBOA

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A PASSAGEM DO NOROESTE» (M. G. M.)
- A realização de KING VIDOR, elemento dominante do filme.
- A interpretação, prestígio e poder de presença de SPENCER TRACY.
- A interpretação de todos os legionários do major ROBERTS.
- A fotografia colorida de SIDNEY WAGNER e WILLIAM SMALL, sob conselho de NATALIE KALMUS.
- A música de HERBERTH STOTHART.
- O som de DOUGLAS SHEARER.

«A SONATA DO LOUCO» (Rádio Filmes)
- A realização de JOHN FARROW especialmente pelos momentos finais.
- As interpretações de Adolphe Menjou e Maureen O'Hara.

«O GATO E O CANÁRIO» (Paramount)
- O hábil doseamento dos lances impressionantes com episódios de bom humorismo.
- A qualidade da encenação do filme, que foi dirigido por ELLIOT NUGENT.

«OS TRÊS VAGABUNDOS» (Fox Filmes)
- A fantasia esfusiante e divertida dos IRMÃOS RITZ, especialmente nas caricaturas à Fada Má da «Branca de Neve» e ao trio das pequenas IRMÃS BRIAN.
- As canções de LEO POLLACK e SIDNEY MITCHELL.

«RAPSÓDIA DA ILUSÃO» (Rádio Filmes)
- O valor cómico de Kay Kayser.
- A orquestra de Kay Kayser.
- A direcção de David Butler nas cenas musicais.

«RESSUSCITADOS» (Aliança Filme)
- A arrojada concepção do filme que tem por base a aplicação da geloterapia do corpo humano.
- As cenas da série de experiências do sábio (BORIS KARLOFF) que reduz os homens às condições de cobaias.

«SITIADOS» (Fox Filmes)
- A seqüência do ataque nocturno ao consulado americano pelos guerrilheiros mongois.

"A Ilha do Destino"

(Isle of destiny)

Uma rapariga que nada tem que fazer (?) aparece-nos dentro de um avião em plena tempestade, na companhia dum senhor.

De todos os pontos, os postos emissores de rádio procuram pôr-se em comunicação com a aviadora que resolve ir ter com o irmão que está numa ilha qualquer (para o caso não interessa), do Oceano Pacífico.

Começa então a história. Há uns senhores bandidos, contrabandistas de armas e tudo se complica.

No final, Virgínia Allerton assim se chama a rapariga, encontra o seu destino na pessoa de um guarda-marinha (?).

June Lang, no papel da aviadora, embora dê mostras de possuir mais algum valor além do da sua beleza, não tem porém ocasião de o patentear, convenientemente.

O colorido dêste filme é bastante fraco e a projecção do cinema onde se estreou é também muito irregular.

Participam como intérpretes: William Wallace, Gargan Ford, Gilbert Roland e outros artistas que foram dirigidos por Elmer Clifton. — J. M.

"Herois do Espaço"

(Men Against the Sky)

Mais um filme de aviação, em que vemos Richard Dix, Kent Taylor, Edmund Lowe, Wendie Banies, etc. É mais uma produção da série que os estúdios americanos fazem anualmente, para manter a sua expansão fílmica em todo o mundo.

Constitui um espectáculo normal, sem outro fim que não seja o de fazer interessar às camadas populares uma história simples, em que há momentos de emoção, como a experiência do avião, em «mergulho» e a morte de Phil cujo paraquedas se rasgara quando se largou do aparelho.

A realização de Leslie Goodwins, discreta, como convinha a um filme como êste. — J. M.

"A passagem do Noroeste"

(«Northwest Passage»)

King Vidor é um dos casos mais curiosos dos casos de Hollywood. Desde *«Aleluia»* seu nome ficou, e justamente, alinhado junto dos maiores e obra sua que se anuncie é certo que logo causa sensação.

Nem todos os seus filmes conseguiram a mesma altura, dado que alguns foram tão excepcionais que ainda hoje contam entre as obras-exemplos de tôda a história da sétima arte, mas através duma obra vasta King Vidor conseguiu um estilo, ou melhor, tornou-se reconhecido mestre numa especialidade — a que com propriedade ou sem ela se começou a chamar: epopeia cinematográfica! «Aleluia» caso único e especial era também epopeia embora fôsse outra coisa mais; anos mais tarde «Pão Nosso de Cada Dia» era uma preparação para um final empolgante, uma preparação simples e ingénua embora bem conduzida, para um final de epopeia (a especialidade) que era a abertura do canal da água, espectáculo vibrante, dinâmico e poderoso que enchia os olhos, os ouvidos e a alma do espectador, quando recolhia a casa ainda esmagado de entusiasmo; hoje «A Passagem do Noroeste» é um filme pràticamente sem história, uma série de aventuras, contadas com a fôrça e o estilo de King Vidor, uma fita que é como se fôsse uma série sucessiva de «aberturas de canais», sem grande esfôrço de preparação, apenas com um fiosinho de história a ligar tudo.

Numa coisa a designação de «epopeia» se ajusta ao caso King Vidor: é no significado que deve ter de narrativa dum esfôrço colectivo, duma obra de multidão. Em «Aleluia» a multidão era de uma raça; em «Pão Nosso de Cada Dia» era um grupo social; em «A Passagem do Noroeste» são soldados mercenários reunidos em sucessivos trabalhos.

O valor individual da interpretação, neste caso, apaga-se consideràvelmente. Tôdas aquelas dezenas de intérpretes vão bem, extraordinàriamente bem. Spencer Tracy tem um papel em que dado o domínio do valor colectivo, tão procurado pelo realizador, e o predomínio da acção — nada acrescenta a seu valor. Mas não era fácil encontrar outro. Porque aquela multidão, como multidão mercenária reünida para trabalhas de epopeia deve ter um ideal. Ora êsse ideal é sempre apresentado vagamente e era preciso dar uma reacção para arrastar a maioria daquela multidão de soldados: foi Spencer Tracy no papel de major Rogers quem incarnou essa razão e fê-lo como só o seu prestígio e simplicidade poderiam fazer.

Talvez até pela sua contextura de fita feita só de pequenas epopeias «A Passagem do Noroeste» é lenta. Três elementos, além da realização, fizeram com que tudo fôsse suprido, e agarrado o entusiasmo do espectador — o colorido, a boa qualidade da fotografia e o som e fundo musical todos três notáveis. A ela se deve grande parte do valor das cenas do arrastar dos barcos através da montanha, a travessia do rio, o ataque à aldeia com aquele realismo cruel de chacina e a marcha e chegada ao forte abandonado que é momento de rara emoção e intensidade dramática. — F. G.

"O Gato e o Canário"

(The Cat and the Canary)

A peça de John Williard donde êste filme foi extraído é considerada um padrão no seu género, entre a moderna literatura teatral americana. Por isso mesmo não admira que não fôsse esta a primeira vez que a adaptam ao cinema. Mas, se a memória me não falha, nunca o fizeram com tanta felicidade.

A adaptação, seguindo a moda que já perdura há alguns anos, alterna os episódios terríficos com apontamentos de bom humorismo. É justo dizer que êsse doseamento foi feito com indiscutível habilidade. A figura do galã foi também indiscutìvelmente bem achada: é um rapaz como outro qualquer, sem prosápia nem bossa de herói, que tem mêdo, muito honestamente, como qualquer de nós teria se se visse metido em idênticos assados. Bob Hope, artista célebre nos Estados Unidos mas ainda pouco conhecido entre nós, desempenha-se do papel o melhor possível.

A encenação do filme é excelente. Elliot Nugent dirigiu-a com segurança e bom sentido do género. Os seus auxiliares mais salientes foram o operador Charles Lang e os decoradores Hans Dreier e Robert Usher, não falando nos intérpretes, todos de primeira ordem. Paulette Goddard destaca-se pela sua gentileza muito especial e por uma correcção de desempenho digna de registo. Gale Sondergaard, Douglass Montgomery, John Beal. Elisabeth Patterson e George Zucco interpretam tão bem quanto seria para desejar os restantes papéis.

Em resumo: «O Gato e o Canário» é um bom filme de terror e um bom espectáculo, que tão depressa arranca uma gargalhada ao público como o impressiona com os seus lances misteriosos e imprevistos.

Entre os complementos que acompanharam êste filme, foi incluído não sei por que fantasia um inenarrável e anónimo documentário português, que podia servir de espécime exemplar dos negregados «100 metros», miseri-

(Cont. na pág. 18)

CINEMA DE AMADORES

Uma sensacional descoberta de Ignácio da Purificação:

«OS FILMES INFANTIS»

Como todos sabem, Ignácio da Purificação é um símbolo. Símbolo do cinéfilo indesejável, carraça, insuficiente por suficiência, mas que deixa por vezes transparecer, através da sua ingenuidade, bom senso e humorismo subtil.

É, por assim dizer, um espelho de ridículos, um retrato (favorecido...) que tôdas as semanas se patenteia aos olhos atilados.

O nosso colaborador João Mendes resolveu «replicar» a Ignácio da Purificação. Mas não se imagine que foi porque «afinasse» com a «piaduncha» do Ignácio!... Foi apenas no mesmo espírito que deu origem às célebres cartas — o que se esclarece, para os devidos efeitos.

Na carta do sr. Ignácio da Purificação, publicada no último número do «Animatógrafo» pode ler-se a seguinte passagem:

— E não se conta com as fitas infantis, de que o sr. João Mendes dá notícia.

Ora, nós que muito admiramos o sr. Ignácio da Purificação, técnico conhecedor, cinéfilo 100%, escritor ilustre, elemento indispensável ao cinema nacional do qual se tem, propositadamente, mantido afastado, lêmos e ponderámos sèriamente sôbre aquele momento da sua carta.

Primeiramente, observámos as condições em que se encontra o ilustre senhor e a sua autoridade técnica sôbre o assunto e... concordámos com a sua afirmação.

Evidentemente que não é sem grandes estudos, investigações, experiências e prática, que se chega a semelhante conclusão extraordinàriamente acertada. Confirma-se dêste modo a impressão, já existente, de que o sr. Ignácio da Purificação é sem dúvida alguma: uma autoridade em matéria cinematográfica. E tanto assim, que estamos dispostos a convidar Sua Excelência a fazer um filme de amadores. Temos a certeza de que a obra resultará plenamente sôbre todos os aspectos.

Acabar-se-á, de uma vez para sempre com a velha e estúpida ideia de que os filmes de amadores... são filmes de arte.

Ficam, pois, todos os amadores com uma grande dívida em aberto para com o sr. Ignácio da Purificação. Esperamos que a saibam pagar convenientemente convidando-o para sócio de honra do C. P. C. A.

A opinião do conceituadíssimo senhor vale por a de todos os ilustres técnicos do cinema de maior idade. De facto assim é.

É a altura de nos curvarmos, e mão no peito, pedirmos perdão e executarmos o *mea-culpa*, por nunca, até à data, termos entendido que o cinema de amadores não passava duma infantilidade, praticado por gente grande, que afinal não passa de crianças com calças compridas.

Que nos perdoem os amadores de, durante anos, os ter enganado com a nossa ignorância. Só lamentamos não haver nos outros países do mundo, um mestre como o sr. Ignácio da Purificação, para elucidar convenientemente os amadores, que não fazem ideia nenhuma do que seja a sua cinematografia. Mas por um lado, ainda bem, visto que dêste modo, podemos mais fàcilmente alcançar o primeiro lugar no próximo concurso internacional, pois já fazemos uma ideia do que é o cinema de amadores.

E lembrarmo-nos que andaram durante anos tantos senhores-crianças, médicos, advogados, engenheiros, etc., a quererem saber o que era o cinema, feito com fitinhas estreitas.

Grande honra para nós, haver em Portugal um tão grande talento, pujante de sabedoria, como o do sr. Ignácio da Purificação.

De segunda-feira passada (foi o dia em que veio à luz a carta que ficará célebre do sr. Purificação), em diante, ficam os amadores sabendo, que os filmes passam a ser feitos de calções, bibes, com uma mão na câmara e outra no nariz e que versarão assuntos vários e entre êles os de: papões, chocolates, triciclos, rebuçados, etc....

Os filmes serão depois projectados debaixo da mesa ou em qualquer outro sítio para que a família não veja a maroteira... senão tira o «bonito».

Grande descoberta meus senhores, perdão, meus meninos: Cinema Amador — Cinema Infantil.

Um caloroso bravo ao insigne mestre sr. Ignácio da Purificação e a todos aquêles que pensam como êle, pelo grande impulso que deram à cinematografia infantil em Portugal.

JOÃO MENDES

A S. F. A. e a S. A. F. A.

Do sr. Elísio Coelho, presidente da S. F. A. (Sociedade de Filmes de Amadores), do Pôrto, recebemos uma carta em que aquele senhor pede a nossa atenção para o facto de se ter constituído em Lisboa uma agremiação de amadores que tomou a seguinte designação: S. A. F. A. (Sociedade Artística de Filmes de Amadores).

Lembra o sr. Elísio Coelho a conveniência em que a sociedade de Lisboa adoptasse outra designação visto poder vir a trazer alguns contratempos em face da semelhança das iniciais das duas agremiações.

Achamos muito justo esta observação do presidente da S. F. A.

Esperamos que o reparo do sr. Elísio Coelho e a nossa concordância encontrem bom acolhimento entre a direcção da S. A. F. A. e que se proceda com a máxima brevidade à alteração que se apresenta necessária.

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Conforme já informámos, a Agrupación de Cine Amateur de Madrid, organizou o seu primeiro concurso de filmes de amadores dos três formatos.

O resultado dêsse concurso, em que foram inscritos 32 filmes, o que levou o júri a reünir-se em três sessões seguidas, foi o seguinte:

— Prémio extraordinário de A. C. A. M. — ao filme «Sueño de amor» de M. Riosalido, Simón e García Basabe. Esta película alcançou ainda outros prémios, da secção de Cinema do Centro Excursionista de Cataluña pela sua montagem, da Cinematografia Amateur de Barcelona pelas cenas de interiores e de Díaz Noriega pela sua sincronização.

— Prémio extraordinário de CIRCE, ao filme «Contrastes» de M. Riosalido.

— Prémio de 16 m/m — «Por tierras de Vivero» de Daniel Jono.

— Prémio de 8 m/m «Em el valle del Tiétar» de Diaz Noriega.

— Prémio Kodak — «La revista 8» de Diaz Noriega.

— Prémio Kaulack, estabelecido para a melhor fotografia — «En el valle des Tiétar».

— Prémio Sirio Filmes, estabelecido para a ideia mais original — «El flechazo», de Amaro Guerrero.

— Prémio Román García, para filmes educativos — «Segovia» de Daniel Jono.

Prémio Agfa — ao filme «Segovia».

— Prémio da Sociedade Fotográfica, estabelecido para o melhor ambiente lírico — «En el viejo Parque del Oeste», de Diaz Noriega.

— Prémio Nuñez Varadi — concedido a García Basabe pelo seu trabalho nas legendas de apresentação dos filmes da Sírio Filmes.

— Prémio *Primeros Planos* (Revista oficial da A. C. A. M.) — ao filme «Recuerdos de família» de Julia Villalva.

O júri que classificou estes filmes era constituído pelos srs. Carlos Mahou, como presidente; Eusébio Ferré, como vogal da A. C. A. M.; Júlio Bravo, representante do CIRCE; Carlos Fernandez Cuenca, crítico cinematográfico, e Julio Jiménez, pela Sociedade Fotográfica de Madrid.

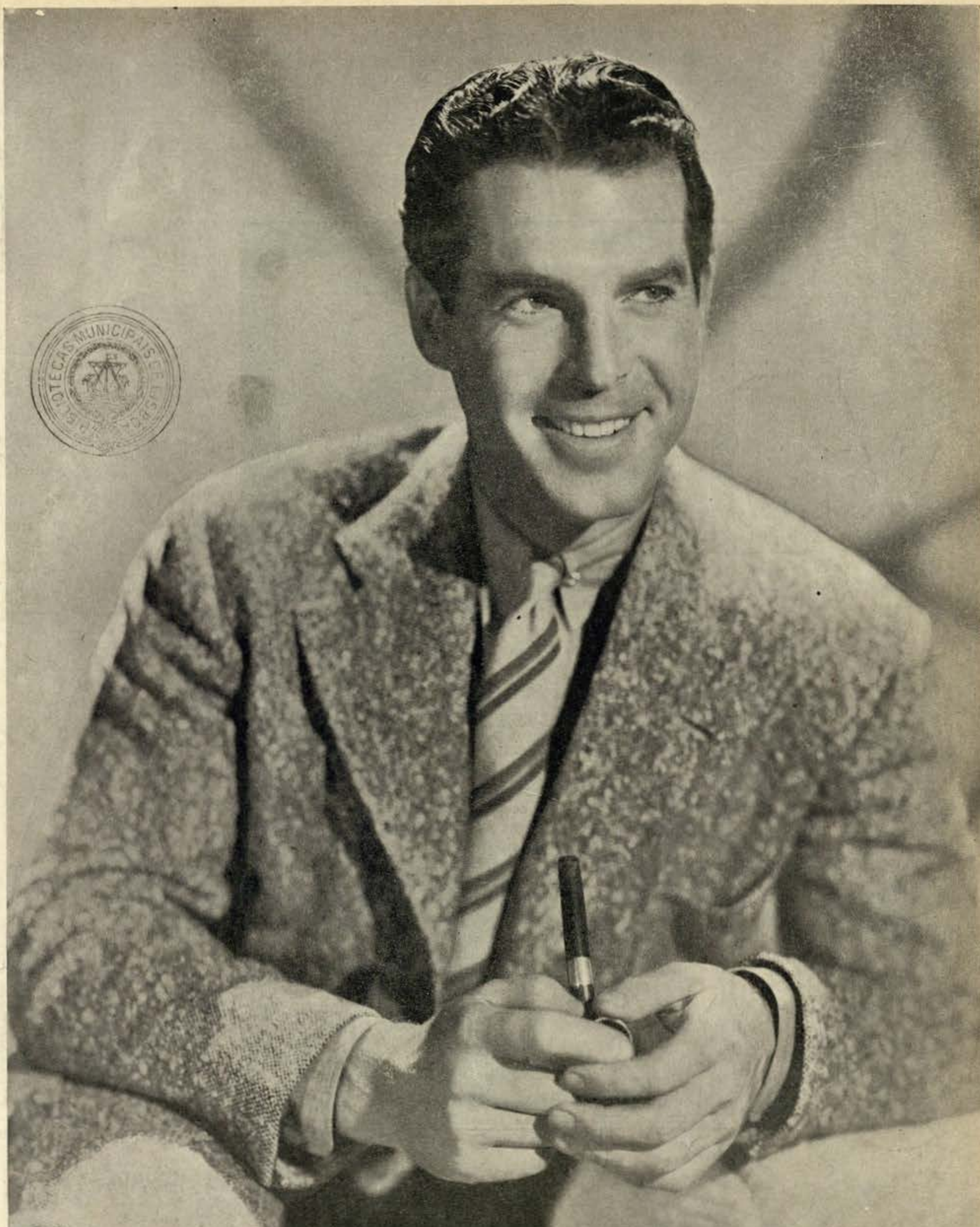
Num dos primeros dias dêste mês haverá uma festa do Cine-Clube, com carácter extraordinário para apresentação dos filmes premiados e entrega das taças aos seus autores.

Êste acto terá lugar, possivelmente, na Delegación Provincial de Educación Nacional.

*

O filme que alcançou o primeiro prémio extraordinário, «Sueños de Amor», foi inspirado no *Nocturno número 3* do mesmo nome de List, e foi dirigido por García Basabe e fotografado por M. Riosalido. A interpretação está a cargo de Miralles, Mani e Recalde.

Êste filme é o primeiro de argumento que realiza o Cine Amateur de Madrid e em que a Sirio Filmes inicia a sua actividade como entidade produtora, cujos dirigentes satisfeitos com o êxito alcançado decidiram prosseguir neste género de filmes anunciando a próxima realização dos seguintes filmes: «El abismo» e «Ella se enamoró del cielo».



FRED MAC MURRAY

Aqui está um dos bons galãs da actualidade, um artista másculo, que êste ano teve uma notável interpretação em «Bigamia», que a ALIANÇA-FILME distribuiu e que é o protagonista do filme «Uma Noite em Lisboa», da PARAMOUNT


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade
eternamente....
Nada há que nos relate o passado, com tanta realidade, com tanto interêsse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro...
Centenas de milhares de pessoas fazem hoje os seus filmes e dêles fruem enorme prazer. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se não repetem, que é vosso desejo lembrar para todo o sempre...
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

812—UM RADIÓFILO *(Coimbra)*. — O técnico de som da Metro Goldwyn Mayer, Douglas Shearer é, de facto, irmão de Norma Shearer. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood premiou, êste ano, o seu labor. — *Ziegfeld Girl* não é continuação de *O Grande Ziegfeld*, muito embora exalte a figura do homem que foi o maior empresário da América, através dos espectáculos sumptuosos que êle proporcionou.

813 — MARIA DE LOURDES *(Aveiro)*. — Porque se não vêem em Portugal filmes japoneses? Pela simples razão de que não há quem os compre e, isto, possìvelmente, com o receio de que não haja quem os veja... Em relação a *Jujiro*, exibido nos derradeiros tempos do mudo, citou-se a frase dum crítico francês que disse ser aquele filme «a máquina de fabricar o sonho». Afinal, verificou-se que em lugar de fabricar o sonho se limitou a fabricar o sono. Daí, terem ficado os importadores das produções nipónicas pouco animados... — Tomas Mitchell tem 46 anos. O seu melhor papel? O médico de *Cavalgada Heróica*.

814 — UM LEITOR EXIGENTE *(Beja)*. — O problema dos nomes da Maria da Graça do cinema e da rádio já está resolvido. Não vale a pena, por isso, adoptar a tua sugestão. — É possível que, dentro em breve, vejas nas páginas de *Animatógrafo*, o retrato da Maria da Graça da Rádio.

815 — UM ADMIRADOR DA CRAWFORD *(Lisboa)*. — Joan Crawford chama-se, na realidade, Lucile Le Sueur. Nasceu em Santo António, no Texas, a 23 de Março de 1908. Não é tão idosa como tu supunhas. Tem apenas 33 anos. — O operador da *Fera Humana* foi Curt Courant, ás da câmara de filmar.

816 — JOÃO SALEMA *(Pôrto)*. — Não vi ainda o filme da Gloria Jean a que te referes. Não posso por isso pronunciar-me. Aguardo que seja estreado em Lisboa. — *O Ladrão de Bagdad* será exibido na próxima temporada. Idem, idem quanto à *Última Fronteira*. — Dudley Digges é irlandês. Nasceu em Dublin.

817 — MADY *(Lisboa)*. — Clark Gable tem 40 anos, completados no dia 1 de Fevereiro. Trabalha no cinema, pelo menos, desde 1930. Foi actor de Teatro, antes de ingressar nos estúdios. Franciska Gaal é húngara. Tem 37 anos.

818 — O REI DAS PERGUNTAS *(Lisboa)*. — A tua qualidade de pessoa real não te permite infrigir as regras desta secção. Mais de três perguntas, é impossível. Conforma-te, pois. — Jean Gabin foi, de facto, um dos intérpretes de *A Grande Ilusão*. — *Man's of Boys Town* é continuação de *Os Homens de Amanhã*. — Mickey Rooney tem 21 anos.

819—O «COW-BOY» ERRANTE — *(Lisboa)*. — Cary Grant, «cow-boy» amigo, tem, na vida real, um nome muito pomposo: Archibald Alexander Leach. É inglês de gema. Nasceu em Bristol a 18 de Janeiro de 1909. A sua casa tinha uma lápide ou não, não sei! Mas presumo que, com ou sem ela, já não deverá estar de pé, pelo menos a fazermos fé pelas notícias dos jornais. — As actualidades italianas não aparecem regularmente nas nossas telas.

820 — REBECA *(Coimbra)*. — Joan Fontaine tinha, de facto, um papel tão notável em *Rebecca*, que foi candidata ao prémio da melhor interpretação. No entanto, reconheço que foi justo atribuir o troféu a Ginger Rogers, sobretudo se nos lembrarmos do passado duma e doutra. — Os «Mills Brothers» apareceram, na tela, mais do que uma vez, como por exemplo no *Gondoleiro de Nova York*, já exibido em Lisboa. — Colleen Moore, a vedeta da franjinha, está retirada dos estúdios, desde 1935.

821 — I AM CHARLES BOYER *(Coimbra)*. — Não me lembro de nenhum pseudónimo que tenha as qualidades que tu julgas imprescindíveis, isto é: que seja romântico e varonil. — Está descançado que assim que receba cartas para ti as remeterei ao seu destino sem tardar.

822 — KITTY, A RAPARIGA DA GOLA AZUL *(S. João da Madeira)*. — Aprovo o teu pseudónimo, a despeito do tamanho, versão cerúlea do que Ginger Rogers popularizou. — Maria Clara deixou de trabalhar para o cinema. — Podes escrever a Eduardo Fernandes, por intermédio do «Animatógrafo». — Esta gentil leitora pede que saúde, em seu nome, *Eterno Garoto*, *Deram-lhe uma Espingarda* e *Donalda*.

823 — STROMBOLI *(Coimbra)*. — Como já tiveste ensejo de ver, o teu pseudónimo figurou na devida oportunidade, nestas colunas. Se tardou em aparecer e se mais assíduo não é, deverás buscar a razão na avalanche de cartas que caiem sôbre a minha mesa. — gostaria muito que me não tratasses por V. Ex.ª. Fico tão desolado como quando li que consideras *Mulheres* como o pior filme da época passada. — Maria da Graça, ou, por outra, Graça Maria, está agora a responder aos inúmeros pedidos de fotos que durante meses e meses recebeu. — *Stromboli* deseja cartear-se com *Uma Gaiata cinéfila*.

824 — PEDRO LESTE. *(Lisboa)*. — Gostosamente te inscreverei no número dos meus consulentes. — Podes escrever a Graça Maria, por intermédio de *Animatógrafo*. A sua morada particular e tão ignorada como a da Greta Garbo. — Artur Duarte, por ora, não pensa filmar *O Amor Perfeito*. — Quero crer que *Pureza* não seja tão mau como pintam certos críticos, nem tão bom como outros no-lo apresentam. No entanto, admito que seja inferior a todos os outros filmes de Chianca de Garcia, pela simples razão de que a indústria cinematográfica brasileira está muito mais atrazada do que a portuguesa, no que diz respeito à sua técnica.

825 — PRIMAVERA *(Lisboa)*. — Viva *Primavera!* Por onde tens andado, que te não dignaste sorrir sôbre Portugal? Se bem que a tua chegada houvesse sido anunciada para 22 de Março, ninguém ainda te pôs a vista em cima. Estou a começar a convencer-me de que tu e o verão embarcaram no «Clipper» com rumo à América. A Europa, de facto, está a pedir chuva... Estás completamente enganada com respeito à minha identidade! E não te digo mais nada, não vá o manto diáfano da fantasia ceder a algum golpe de vento imprevisto e descobrir-me, belo e radioso, tal qual eu sou...

826 — DONANFER (?). — As tuas cartas chegaram ao seu destino; não estou, nem nunca estarei zangado contigo. A demora das respostas, Fernando amigo, é apenas uma conseqüência da acumulação de cartas dos meus leitores. Se te disser que até agora recebi mais de 2.000 cartas, talvez tu não acredites. Mas é a pura verdade! — Dizes-me que viste *First Love* duas vezes. Pobre récord. Eu sei duma senhora e de duas filhas que durante dez dias seguidos, num cinema do bairro da Estrêla, durante dez dias a fio, foram ver a *Balalaika*.—Podes escrever a Graça Maria, por intermédio de «Animatógrafo». — Franchot Tone é o parceiro de Deanna Durbin em *Nice Girl*. — Transmito os teus melhores cumprimentos a *Pinocchia*, conforme pedes.

827 — I AM THE ZORRO *(Lisboa)*. — O teu pseudónimo parece-me 100 por cento cinematográfico. — Para te inscreveres no *Clube do Animatógrafo* deverás, num simples postal, dirigido ao nosso Director, requereres a respectiva inscrição, fazendo acompanhar o pedido da menção do nome, morada, profissão, idade e a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos. — Transmito aos leitores desta secção o desejo que tens de te corresponderes com êles.

828 — UMA LOIRINHA *(Lisboa)*. — Com a maior simpatia, aqui me tens a receber-te. — Graça Maria não foi concorrente ao papel principal do malogrado filme a *Rainha Santa Isabel*. Podes escrever-lhe por intermédio da nossa revista. — O nosso director recebeu a carta em que teu irmão o felicitava pela sua acção em prol do cinema português. Enquanto não responde pessoalmente, aqui ficam os seus melhores agradecimentos. — Aguardo, dentro em breve, novas cartas tuas. Nunca massas.

829 — SEM AMOR *(Lisboa)*. — Tive a maior alegria em encontrar, na infindável rima de cartas, a tua inconfundível letra. — A atitude do público para com Laurence Olivier foi, de facto, incompreensível. *Animatógrafo*, comentou-a oportunamente. E o mais curioso é que na mesmíssima sala foi ovacionado um dos irmãos Canaro, da conhecida orquestra de tangos, quando assistia ao espectáculo dum filme com o qual nada tinha que ver... E o Laurence Olivier merecia ser acarinhado pelo público, não só por ser um actor de mérito incontestável, como ainda por se ter dignado assistir à estreia do seu filme, na própria noite em que chegou a Lisboa, depois duma viagem longa e incómoda. — Transmiti os cumprimentos a António Lopes Ribeiro e Raúl Faria da Fonseca, que agradecem a tua gentileza.

830 — BENJAMINA *Lisboa)*. — Em primeiro lugar, Benjamina, uma explicação: Desta vez, uma resposta tua veio dividida por dois números: 29 e 30. Não sei se percebeste, agora o significado do «parcelado». Uma parcela: 762; outra parcela: 762-A. Total: uma resposta só!... — Tens estado um bocado preguiçosa a escrever, ùltimamente. O que se passou?! — Perguntas-me notícias minhas? O coração andou um pouco avariado, desde que vi a última fita da Lamour. Fiquei apaixonado por ela. E sabes o que fiz? Fui para o Minho! E vim de lá curado... Tem lá umas águas, anestésicas, muito ricas em cálcio, que são uma maravilha. — A *Balalaika*, está provado, é uma doença nacional. Pior do que uma doença: uma epidemia. Até eu já fui ver a fita duas vezes. Em boa verdade ter direi, a segunda vez, não foi por causa da fita... — Faço votos *Benjamina*, por que esta resposta não fique cortada por um intervalo» duma semana...

831 — LEVADA DA BRECA *(Lisboa)*. — Segundo me informam, a Administração dos Correios está a pensar sèriamente em me oferecer um jantar de homenagem, pelo desenvolvimento que êste correio tem dado às suas receitas. A ideia do busto na Central dos Restauradores não parece muito viável, mas a edição dum sêlo com a minha vera-efígie parece assegurada... — O Clark Gable, em Lisboa, como no mundo inteiro, continua a ser o favorito das freqüentadoras das nossas salas. Não quere isto dizer que o Taylor não tenha o seu público. Mas quási tôdas as mulheres preferem o Gable, talvez por ser menos «bonito». Esta convicção levou-me a desfear-me, para ver se continuo a manter o meu prestígio no mundo feminino. — *Levada da Breca*, gostaria de cartear-se com dois leitores que tenham letra bem legível. — Deverás, para que eu possa remeter-te as cartas, indicar-me o teu verdadeiro nome e morada.

832 — BEL, O PIRATA *(Évora)*. — Lamento a tua ausência das colunas dêste correio, onde o teu pseudónimo brilhou tantas vezes. Mas compreendo a dificuldade de que tens em continuar a ser assíduo. Espero que, ao menos uma vez por outra, te lembres dêste teu amigo. Good luck!

833 — MOLIÈRE *(Coimbra)*. — Príncipes, reis, princesas e rainhas, são há muito consulentes de Bel-Tenebroso... O que não esperava é que Molière, «cujo no-

A FEIRA DAS FITAS

(Cont. da pág. 15)

cordiosamente falecidos há tempo. Dir-se-ia um fantasma dessas defuntas produções! É possível que se pretendêsse criar ambiente para o filme de fundo. Mas nem assim se justificaria a sua exibição... — D. M.

"Sitiados"

(Barricade)

Nada tem de extraordinário êste filme de Gregory Ratoff, que no entanto se vê sem enfado — ou mais justamente: que no entanto consegue prender a atenção do espectador e interessá-lo bastante, em especial na seqüência do ataque ao consulado americano pelos guerrilheiros mongóis.

O argumento presta homenagem à consciência profissional e patriótica de certos obscuros funcionários muitas vezes perdidos em longínquas e perigosas paragens, onde necessitam de possuir as mais altas qualidades para levar a cabo a sua missão: os cônsules. O protagonista do filme é um cônsul americano, que permanece desde 1900 numa cidadezinha do interior da China, esquecido pelos seus superiores de Washington. Charles Winninger desempenha essa figura como excelente actor que é.

Os outros papéis de relêvo foram entregues à admirável Alice Faye e a Warner Baxter. A fotografia é de Karl Freund. — D. M.

"Os três vagabundos"

(Kentucky Moonshine)

Êste novo filme dos Irmãos Ritz nada fica a dever aos seus melhores trabalhos anteriores — desde os *sketches* da «Avenida dos Milhões» ou da «Revista de Goldwyn» aos «Três Mosqueiteiros» ou ao «Gorila». O filme, que aliás David Butler dirigiu com a sua habitual proficiência, vale sobretudo pela intervenção do trio fraternal, pródigo de fantasia, de comicidade, de imaginação. A emissão de rádio é verdadeiramente portentosa. Seria difícil dizer o que é melhor, nessa série torrencial de números de canto, de dança, de música caricatural — ou melhor nessa série de números em que a dança, o canto, e a caricatura se misturam e fundem num todo harmónico, irresistìvelmente divertido. Talvez mereçam a preferência as paródias à Fada Má da «Branca de Neve» e às três pequenas Brian Sisters, que também aparecem em pessoa no filme, acompanhando magnìficamente a linda Marjorie Weaver numa bonita canção.

Certos aspectos da caricatura ao convencionalismo cinematográfico do Middle-West têm também graça a valer. Tony Martin, o ex-marido de Alice Faye, faz-se notar principalmente nos números de canto, o que, aliás, é naturalíssimo.

A distribuïção reúne vários outros artistas de valor, como Slim Summerville, John Carradine, Eddie Collins, etc. — D. M.

"Rapsódia da ilusão"

(«That's right you're wrong»)

Uma fita musical dirigida por um especialista que é David Butler, com uma grande orquestra que é a de Kay Kayser. Nas cenas musicais encontram-se Kay Kayser, a orquestra, e um bom idrector: Sai obra de valor. Nas outras cenas a acção fraqueja sente-se que se procura o pretexto de apresentar a orquestra sôbre que se contou para garantir o êxito do filme o que, aliás, não é errado porque a orquestra realmente chega, tanto mais que Kay Kaiser com a sua exuberante fantasia se revela um cómico de valor. — F. G.

Correio de Bel-Tenebroso

(Continuação da pág. anterior)

me está ligado ao Teatro, por ter inventado as três pancadas anunciadoras» (como dizia certo Calino, nosso conhecido), ressuscitasse, de novo, para inquirir a minha opinião sôbre *Mulheres*. Estranho, amigo, que sendo tu o autor de *L'Ecole des Femmes* me faças preguntas destas... No entanto, deixa-me dizer-te, que achei o filme admirável, sob todos os aspectos! — Podes escrever a Graça Maria, por intermédio de *Animatógrafo*. — *A Vida do Marquês de Pombal*, com o terramoto de 1755 a execução dos Távoras, daria, por certo um filme colossal. Simplesmente, nós não estamos em Hollywood.

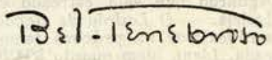
834 — JARV, O ESTRANGULADOR *(Pôrto)*. — As tuas «preguntasinhas» (como tu lhes chamas...) continuam a ser «de algibeira». Ora, eu não posso crer que tu te interesses por saber qual é o título original de *África Negra* e *Anny e os carteiros*. E, como continuo convencido de que aqui não é a Tôrre do Tombo do cinema mundial, e, como por outro lado, tudo me leva a crer que te pretendas divertir, com preguntas feitas apenas com o propósito de me obrigar a «investigações» históricas, sempre te digo, amigo, que «não me levarás contigo»... A menos de que me dês a tua palavra de honra.

835 — NOVA DEANNA. — Podes escrever ao Errol Flynn e à Olivia (e não «Holivia») de Haviland para a Warner-First Studios, Burbank, Califórnia. — Dorothy Lamour: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

836 — FRANCISCO RODRIGO C. S. M. M. e ALVIM. — O nosso director agradece-te as tuas palavras de incitamento à obra iniciada com a publicação desta revista. — Poderás escrever-me sempre que queiras, pois com o maior prazer te atenderei. — Êste leitor pede-me que comunique a *Princesa da Selva* que lhe oferece as separatas dos n.ºs 196 e 199 do *Cine-Jornal*, que ela desejava possuir.

837 — UM ESTUDANTE QUE NUNCA AMOU *(Coimbra)*. — O teu pseudónimo deve ser profundamente mentiroso. A menos que andes nas primeiras letras... — Não pensámos ainda nas capas para encadernar a nossa revista. A seu tempo, veremos êsse assunto. — 7.ª *Arte* do nosso camarada de redacção Mota da Costa é um livro muito bem feito e que te iniciará, dum modo geral, nos aspectos técnicos mais curiosos, da Arte Cinematográfica. — Dos livros estrangeiros, os mais curiosos são *Silence ou tourne* e *La Technique du Film*, ambos da casa Payot, de Paris. Mas devem custar, agora, um dinheirão!

838 — ALDEÃO MINHOTO *(Barcelos)*. — Pelo que me dizes, gostastes de *Feitiço do Império*, que viste aí em Barcelos. Transmiti ao nosso Director os teus cumprimentos. Gloria Jean não necessita de competir com a Deanna Durbin, pela simples razão da diferença de idades que as separa. — Militza Korjus não tornou a aparecer na tela, depois de *A Grande Valsa*. — Hedy Lamarr, actualmente, é divorciada. — Muriel Atwiel nasceu em Croydon, em Inglaterra. — Tyrone Power nasceu a 5 de Maio de 1914. Tem, portanto, 27 anos.



OS DESENHOS ANIMADOS NA CINEMATOGRAFIA MÉDICA

(Continuação da pág. 14)

mados no campo que nos preocupa, diremos que êles foram já empregados na propaganda de produtos de reconhecido valor terapêutico, propaganda que, como se compreende, tem de ser justa e bem realizada. Uma grande casa alemã de produtos medicamentosos exibiu, recentemente, um filme de desenhos animados, extraordinàriamente curioso e que mostra a maneira como dois anti-maláricos muito conhecidos pelos médicos, actuam no combate aos micro-organismos causadores de sesonismo. O filme, aliás, de longa metragem, explica a maneira como os protozoários do paludismo penetram no mosquito vector da doença e como ali se desenvolvem até estarem aptos a serem inoculados no sangue do homem. As imagens mostram-nos o estômago do mosquito onde vão passar-se as interessantes fases da conjugação dos óvulos do protozoário que, depois, segue para as glândulas salivares do animal de onde é expelido na ocasião da picada. A seguir, vemos um mosquito picar um indivíduo e assistimos às evoluções dos parasitas, até encontrar um glóbulo vermelho do sangue. Êste, a certa altura, é penetrado pelo micro-organismo que ali vai sofrer sucessivas transformações cuja conclusão é o rebentamento e, portanto, a destruïção do glóbulo. Actualmente, é extremamente difícil, se não impossível, cinematografar tal espectáculo. Quando, um dia, isso se puder realizar, o filme verdadeiro adquirirá maior soma de interêsse que os desenhos animados já hoje permitem suspeitar. O filme a que nos temos referido mostra depois em imagens muito sugestivas, a acção dos medicamentos contra os agentes do paludismo. As drogas são representadas por dragões que «comem» incansàvelmente numa luta sem tréguas, os protozoários. Pode ver-se, também ali a maneira como o indivíduo sofre as sesões nas suas três fases características. Primeiro o doente sofre arrepios (que os desenhos animados exageram, a fim de melhor se poderem apreciar) aos quais se segue a elevação térmica cuja descida se efectua por entre suores profusos.

Por tudo o que acima dizemos pode, pelo menos, inferir-se que os filmes de desenhos animados não servem só para fazer as delícias dos miúdos, que deliram com o Mickey, o Pato Donald, ou a Bety Boops...

Preguntas de algibeira

(Soluções)

1 — Joe Yule.
2 — Mickey Huire.
3 — Nasceu em Luanda.
4 — É Virginia Cherril, a cega da «Luzes da Cidade».
5 — «Bel Tenebroso».
6 — Por causa da correspondência.
7 — Produtor de filmes.
8 — Howard Hughes.

Damos aqui a tabela de pontos que «Animatógrafo» estabeleceu para os decifradores:

200 — cinéfilo distintíssimo.
150 — cinéfilo distinto.
125 — cinéfilo razoável.
100 — cinéfilo sem mais nada.
75 — cinéfilo nas horas vagas.
50 — cinéfilo... mas talvez não.
25 — cinéfilo manhoso.
0 — não é, com certeza, cinéfilo, nem leitor do «ANIMATÓGRAFO».

Panorâmica

(Conclusão da pág. 5)

vidades mais nobres e as artes mais importantes dêste mundo.

Felicitamo-lo efusivamente, e temos a certeza, porque o conhecemos bem, de que saberá estar à altura dum dos cargos mais difíceis que existem no nosso país.

Roberto Martin Palleiro

Esteve alguns dias em Lisboa, onde tenciona regressar muito brevemente, o sr. Don Roberto Martin Palleiro, conselheiro-delegado das importantíssimas firmas espanholas Gran Empresa Sagarra e Filmófono, e dirigente do Sindicato del Espectáculo do país vizinho e irmão.

«Animatógrafo» saúda-o pessoalmente, aos seus companheiros de viagem, e ao intento, de larga colaboração luso-espanhola no campo cinematográfico, que o trouxe junto de nós.

De gargalhada em gargalhada o espectador assiste a um dos mais hilariantes filmes desta temporada:

CAUTELA COM AS MULHERES



ELLEN **DREW** • RAY **MILLAND**

Janine Darcey, David Tree, Roland Culner, Guy Middleton,

e outros artistas de notável valor são condiscípulos num colégio de Francês!

Uma comédia plena de comunicativa e esfusiante alegria

realizada por ANTHONY ASQUITH

que a PARAMOUNT apresenta no EDEN





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



MADELEINE CARROLL e o seu noivo STIRLING HAYDEN, ambos da PARAMOUNT, que estiveram perdidos durante uma viagem às Bahamas

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: FRED MAC MURRAY